

RESUMOS DOS ALUNOS DO MESTRADO

UMA CONVERGÊNCIA ENTRE NATURALISMO E PSICANÁLISE, MEDIANTE ANÁLISE DE UM PERSONAGEM DE ALUÍSIO AZEVEDO

Antônio Marcos dos Santos (PPGLI/UEPB)

Pensar e ver o ser humano como um ser cujo comportamento é influenciado e até determinado por processos inconscientes não é algo que se limita à psicanálise. Referências aos reinos mentais inacessíveis à consciência podem ser encontradas, em certa medida, desde o pensamento platônico, ao referir-se às partes da alma humana, até autores como Schopenhauer e Nietzsche, passando também por criações de escritores como Shakespeare e Goethe. No caso da literatura brasileira, isso também é visível, conforme podemos verificar, por exemplo, em Aluísio Azevedo, ao examinarmos um personagem da obra “Casa de pensão”, publicada 12 anos antes de, pela primeira vez, Freud usar o termo “psicanálise”. No entanto, apesar de filósofos, poetas e romancistas fazerem referência a essas manifestações inconscientes, foi Freud quem tomou uma noção, por assim dizer, poética e filosófica, e transformou no fundamento de uma psicologia, explicando origens, conteúdos e formas de expressão, além de criar diversos conceitos, muitos deles, como o de “complexo de Édipo”, fundamentais ao trabalho que ora desenvolvemos. É justamente com base na teoria freudiana que pretendemos analisar alguns aspectos comportamentais do jovem Amâncio de Vasconcelos, protagonista de “Casa de pensão”, a saber: a compulsão e a insaciabilidade afetivo-sexuais, cujas origens supomos estarem na infância, em virtude de uma relação edipiana comprometida e não superada, e se prolongam até os 21 anos, quando morre assassinado; e a hipocrisia, em âmbitos familiar e social, resultado das determinações – a nosso ver, excessivas – impostas pelo superego, representante moral da cultura. Paralelamente, procuramos estabelecer uma convergência entre estética naturalista e teoria psicanalítica – arte e “ciência” –, não prescindindo de contribuições filosóficas, mas sem perdermos o foco de que o *corpus* deste trabalho se trata de uma construção ficcional, à qual aplicamos uma teoria que, como dizia o próprio Freud, tem sua relevância, sobretudo, não por ser um método terapêutico, mas por dar explicações acerca daquilo que mais interessa ao ser humano: sua própria natureza. Quanto à estrutura do trabalho, pretendemos organizá-lo em três capítulos – além de introdução e conclusão –, distribuídos, sinteticamente, da seguinte forma: 1. Breve histórico da teoria psicanalítica, tentando estabelecer uma “ponte” de Platão e Sófocles até Freud, passando pela “filosofia dos impulsos inconscientes” de Schopenhauer, sempre conferindo ênfase à psicanálise não como técnica para amenizar ou curar neuroses, mas como teoria que procura dar explicações concernentes ao comportamento humano. Assim, neste capítulo serão relevantes as contribuições teóricas de autores – inclusive críticos literários – que muito estudaram Freud, tais como: Peter Gay, Ernest Jones, Chaim S. Katz e Terry Eagleton; 2. Breve revisão da estética naturalista, estabelecendo ideias convergentes com a psicanálise e justificando por que “Casa de pensão” pode ser enquadrado na literatura como romance de tese.

Autores como Arnold Hauser, Flora Sussekind, Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi e Antonio Candido devem nos subsidiar; 3. Capítulo mais longo, visto tratar da análise propriamente dita do personagem Amâncio, nas esferas comportamentais acima referidas. Aqui se exige uma leitura mais específica da teoria psicanalítica escrita pelo próprio Freud. Dessa forma, recorreremos a obras – algumas já consultadas – como: “Três ensaios sobre a sexualidade”, “A interpretação dos sonhos” (especialmente o capítulo VII), “Artigos sobre metapsicologia” (Os instintos e suas vicissitudes; O inconsciente; Repressão), “O id e o ego”; dentre outras. Como o complexo de Édipo concentra importância fundamental na nossa análise, é possível que busquemos contribuição também da teórica Karen Horney, a qual enfatiza a importância do quadro psicológico familiar no qual a criança está inserida; não trabalhando, portanto, o complexo de Édipo apenas como um fenômeno biologicamente dado, o que nos confere ainda mais a possibilidade de reforçar os elementos socioculturais influenciadores na formação do caráter do personagem analisado.

Palavras-chave: Amâncio, complexo de Édipo, psicanálise, Naturalismo, convergência.

O VISÍVEL E O INVISÍVEL EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*: CORPO, MENTE E PERCEPÇÃO

Hudson Marques da Silva (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Antonio Carlos de Melo Magalhães)

A filosofia socrática pode ser considerada uma forte ruptura na forma de pensamento humano, uma vez que, antes dela, os filósofos concentravam-se principalmente nos fenômenos naturais, tendo como foco a pesquisa empírica. A partir da tríade socrática – Sócrates, Platão e Aristóteles –, diferentemente, a forma ocidental de compreender o mundo e a vida passa a se basear na razão, surgindo, assim, a filosofia da consciência (difundida, com efeito, pela alegoria da caverna de Platão), que foi ressignificada pela filosofia patrística medieval e retomada com o *cogito cartesiano*. Desse modo, o dualismo clássico (ideias *versus* sentidos) é uma questão que ainda fustiga os estudiosos contemporâneos. Por isso, o conceito de *estesia do corpo* do filósofo francês Merleau-Ponty, apresentado nas obras *Fenomenologia da Percepção* (2005), *O Visível e o Invisível* (2007) e *O olho e o Espírito* (2004), apresenta-se como relevante tema de estudo, tendo em vista que este pensador investe em uma filosofia da carne, com foco na percepção do corpo por meio dos sentidos, afastando-se consideravelmente do racionalismo e rompendo com as dicotomias clássicas. Com base nessa teoria da percepção, este trabalho objetiva analisar a obra literária *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), do escritor português José Saramago. Nesse romance ensaístico, um repentino e inexplicável ataque de cegueira (branca) torna-se uma epidemia entre os habitantes de um grande centro urbano. A partir da perda de um órgão dos sentidos (a visão), as personagens – que são inominadas, representando qualquer indivíduo – passam por um processo de mutação e, em seguida, transformam o mundo que

as cerca, isto é, a obra apresenta a relevância dos sentidos no processo de relação e compreensão do mundo. Por um medo profundo de ser contagiada pela cegueira, a população, mediante o ministério da saúde, resolve aprisionar os cegos em quarentena, a qual, simbolicamente, está localizada em um hospício abandonado, visto pela sociedade como lugar dos insanos. Nesse local, a animalidade humana das personagens vem à tona, através do egoísmo, do desleixo, da crueldade, dentre outras mazelas que demonstram um lado degradante da humanidade. Neste trabalho, todas essas transformações e percepções da realidade narradas na obra são confrontadas com a *estesia* merleau-pontyana, buscando mostrar a relevância dessa teoria para a compreensão da obra saramaguiana. Nesse cruzamento intercultural entre literatura de ficção e filosofia, também são utilizados outros teóricos da percepção, com destaque para Oziris Borges Filho (2009; 2007) e Harvey Richard Schiffman (2005); que contribuíram de modo significativo para a fenomenologia merleau-pontyana. Por fim, são apresentadas as alegorias sugeridas no ensaio, o qual representa, também, uma forte crítica ao comportamento do indivíduo moderno, que, com o crescimento das grandes cidades, se torna cada vez mais individualista, passando a não mais perceber e sensibilizar-se com o *Outro* e com o mundo. Assim, apresenta-se a dimensão metafórica da cegueira, que surge tanto como representação de uma não-percepção por parte desse indivíduo quanto como uma destruição, no sentido de Walter Benjamin (1997), segundo a qual toda forma falsa de relação com o objeto deve ser destruída para que uma nova forma seja erigida. Portanto, este trabalho apresenta três capítulos: o primeiro sobre a relação entre a fenomenologia de Merleau-Ponty – com foco na *estesia* do corpo – e o *Ensaio sobre a Cegueira*, promovendo confrontos entre sentidos *versus* racionalismo; o segundo versa sobre os sentidos de forma específica enquanto instrumentos da percepção no *Ensaio sobre a Cegueira* e o terceiro trata das alegorias presentes na obra, focando o corpo e a percepção como possíveis metáforas.

Palavras-chave: Estesia Merleau-Pontyana. Ensaio sobre a Cegueira. Corpo. mente. Percepção.

MERCANTILIZAÇÃO DO SAGRADO EM *DEUS MIX E O SHOPPING DE DEUS*, DE LUÍS AUGUSTO CASSAS

Francimary da Silva França (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Eli Brandão da Silva)

O texto literário que é lugar de manifestação de vários discursos, é também entendido como representação, ora refletindo ora refratando, da vida, da realidade, de outros textos. Nesta pesquisa nos centramos em dois campos discursivos que se inscrevem em múltipla relação discursiva. O campo teológico, de reflexão acerca dos discursos sobre o sagrado e o campo discursivo literário que subsidia ao teológico a significação capaz de representar sua dimensão

simbólica. Ao investigar esses dois campos pretendemos verificar a presença da temática da mercantilização do sagrado nos livros *O shopping de Deus & a alma do negócio* e *Deus mix: salmos energéticos de açaí com guaraná e Cassis*, ambos do poeta maranhense Luís Augusto Cassas. Nesse intuito de identificar e interpretar os referidos textos na perspectiva de por em relevo o diálogo entre literatura e teologia, literatura e religião, nos utilizaremos da análise de processos interdiscursivos, tomando como base os estudos de Maingueneau (1993/2004) e Fiorin (1994/2008). O primeiro que propõe o estudo do texto literário a partir de sua propriedade dialógica e heterogênea da linguagem, o segundo por propor uma análise dos fenômenos que constituem os discursos, e os sentidos. Esta propriedade da linguagem e do texto de se produzir em diálogo constante dentro da cultura revela a relação do texto literário com discursos teológicos, com textos teológicos, com temáticas voltadas para o discurso religioso. E é nos estudos de Brandão (2003/2008), Magalhães (2000/2008) e Barcellos (2001) que podemos verificar como a Literatura e a Teologia se conectam há muito tempo através dos textos. O sagrado que se faz presente nos poemas de Cassas representa as faces do humano em sua relação com o sagrado e com o profano. Esta relação de aparente dualidade do homem, dividido entre as *coisas do mundo* e a relação com o seu Deus, apresenta-se unificada tanto no ser humano como nos textos do poeta. Partimos nesta pesquisa do pressuposto de que as duas obras, *Deus Mix* e o *Shopping de Deus*, configuram uma relação mercadológica que envolve o sagrado e o humano, numa intensa negociação pela graça, em que o humano articula suas relações religiosas pelos preceitos do mercado. Consideramos como palco principal para a elaboração desta temática nos poemas de Cassas as transformações ocorridas nestes dois últimos séculos, destacadamente as de origem econômico-sociais, que contribuíram para produção de rupturas e junções no pensamento religioso, que se inseriam num contexto de uma sociedade globalizada e mercadológica. Para tanto nos são pertinentes as contribuições teóricas de Houtart (2002), Martelli (1995), Catani (2007), que produzem estudos que buscam interpretar os fenômenos sociais que aproximam o mercado da religião e justificam essa relação. Tomamos como aspecto central desta abordagem entre mercado e sagrado os cenários de transformações e de surgimento dentro do campo religioso de processos de secularização e dessecularização, pelos quais a sociedade passou e tem passado, tendo como plano de fundo a constituição de uma sociedade capitalista e globalizada na qual se manifesta um sagrado reconfigurado, que se faz presente na literatura e por ela é representado. O primeiro capítulo da pesquisa está concluído e o segundo em andamento.

Palavra - chaves: Literatura. Teologia. Mercado.

O CULTO DO CORPO FEMININO NA OBRA *PORCARIAS*: UMA NOVA UTOPIA

Gilda Carneiro Neves (PPGLI/UEPB)
(Orientadora: Maria Goretti Ribeiro)

Este trabalho disserta sobre a representação do feminino numa perspectiva sócio-cultural e mito-poética com o objetivo de investigar na obra *Porcarias* da escritora francesa Marie Darrieussecq, a influência e as conseqüências da “nova” utopia do culto do corpo jovem das mulheres contemporâneas. A obra narra a estória de uma jovem que pouco a pouco se vê transformada em porca. Sob a forma de um monólogo, ela relata sua história, descrevendo os primeiros sintomas de sua metamorfose física (sua carne que vai se arredondando e se tornando cor-de-rosa, a erupção de mamilos em seu tórax...) e psíquica (sua aversão repentina a salsichas, linguiças e carnes industrializadas). A narradora relata também seu cotidiano completamente transtornado por causa de sua transformação e a dificuldade de gerenciar esta nova realidade e sua nova situação. É um romance que se insere na categoria de Literatura Fantástica, e pode ser categorizado de sátira social. A princípio a narradora é de uma ingenuidade surpreendente. Trabalhando em uma casa de massagens que também funciona como perfumaria, a personagem principal não se dá conta de que na verdade está sendo prostituída. Ela é tratada pelos homens que freqüentam a casa de massagens, na melhor das hipóteses, como um saco de batatas ou simplesmente um objeto sexual, e recebe de seu patrão, como presente, os produtos de beleza vencidos, como se ela fosse uma porca, servindo-se dos restos imprestáveis ao consumo normal. E esta situação (o uso de cosméticos vencidos) se prolonga por tanto tempo, que uma metamorfose acontece e ela acaba virando uma porca. Pretendemos traçar um perfil da narradora, identificando seus dramas e conflitos enquanto escrava do mito da beleza e do corpo perfeito, considerando a realidade da mulher de carne e osso que existe na atualidade, seus valores e desvalores, segundo os padrões de beleza impostos pela ideologia masculina e pelas exigências da sociedade de consumo. Analisaremos a condição feminina na sociedade capitalista que manipula a mulher e investigaremos se os problemas causados pelo culto ao corpo têm influência sobre a situação de submissão, discriminação, exclusão e exploração da mulher que sofre a ação rotuladora e discriminatória da sociedade atual, e até que ponto as práticas agressivas para a manutenção da beleza do corpo perfeito, juntamente com a pressão psicológica sofrida pela personagem, contribuíram para o processo de metamorfose relatado no texto em análise. Nosso trabalho será dividido em três capítulos. No capítulo um abordaremos o corpo filosófico e em nosso constructo teórico estamos trabalhando o que é metamorfose, o que é o corpo e o imaginário do corpo. No capítulo dois, que chamaremos de “corpo imaginário”, traremos as noções aplicadas na análise do texto, utilizando os conceitos de corpo pesquisados e utilizados no capítulo um. Discorreremos acerca do corpo mítico, mostrando a idealização ocidental do corpo, e do corpo simbólico, centrando-nos na metamorfose que aconteceu na obra “Porcarias”. E finalmente, no capítulo três, estudaremos o corpo social (ênfatizando principalmente como a mulher tem que se apresentar nas várias situações e nos vários lugares), o corpo cultural (que

problematiza a prostituição feminina do ponto de vista social e cultural) e também o corpo erótico (que na obra em questão dá margem, inclusive, a pesquisar sobre o canibalismo).

RECONFIGURAÇÃO DO MITO DA RIVALIDADE FRATERNA EM *SOMBRA SEVERA*, DE RAIMUNDO CARRERO

Eliene Medeiros da Costa (PPGLI/UEPB)
(Orientador : Eli Brandão da Silva)

A Literatura traz para seu universo os mais diversos temas, dentre eles, destacamos aqueles que se encontram presentes na Bíblia. De forma que é comum encontrarmos textos literários que vão além de uma simples referência a textos bíblicos, sendo caracterizados como reescrituras destes. Tais reescrituras tanto podem vir a convergir como divergir com o texto que lhes deu origem, e ainda, mudá-lo totalmente, provocando um incessante processo de intertextualidade e interdiscursividade. Neste sentido, o texto literário é um dos lugares privilegiados para que as trocas intertextuais e interdiscursivas aconteçam. Quanto às relações intertextuais nos basearemos essencialmente na teoria do palimpsesto de Gérard Genette. Um palimpsesto em seu sentido literal trata-se de um pergaminho onde a primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, a qual não se apaga de fato, podendo ser lido por transparência, o antigo sob o novo. No sentido figurado, entende-se por palimpsesto todos os textos que derivam de uma obra anterior, seja por imitação ou transformação. Ou ainda, tudo aquilo que coloca um texto em relação manifesta ou secreta com outros textos. Quanto às relações interdiscursivas, teremos como principal guia a teoria do interdiscurso de Maingueneau, definida como o constante processo de reconfiguração discursiva onde os textos literários são configurados por contribuições discursivas provenientes de diversas formulações e dos mais diversos saberes, num processo em que, todo texto/discurso está permeado de outros textos, trazendo consigo mesmo que totalmente modificados traços presentes em textos/discursos anteriores. A leitura acolhe também conceitos relativos à configuração presentes na teoria de Ricoeur. Considerando a grande riqueza intertextual e interdiscursiva da Literatura, estudamos a relação de intertextualidade e interdiscursividade e o processo de reconfiguração do mito da rivalidade fraterna na obra *Sombra Severa*, do escritor pernambucano Raimundo Carrero. Embora este mito apareça em diversas culturas, nosso estudo está focado nos mitos presentes na literatura judaico-cristã, notadamente aqueles que remetem a temática da rivalidade entre irmãos, e mais especificamente os que se referem ao conflito entre Caim e Abel, o qual a obra reconfigura. Em *Sombra Severa*, encontramos três personagens, todos marcados pela rivalidade fraterna, Judas, Abel e Dina. Judas trai Abel, estupra sua namorada e em seguida mata o irmão. Dina, depois de estuprada, é constrangida a casar com Judas, tendo ainda que suportar a dor pela morte de Abel. Isto encaminha o romance para uma espécie de tragicidade em que Judas decide se enterrar vivo em seu quarto por não suportar a dor desencadeada pela

culpa, enquanto Dina se transfigura em Abel. Deste modo, o texto carreriano reconfigura e reescreve o mito da rivalidade fraterna ao renovar e recriar o mito bíblico de Caim e Abel, conjugando interdiscursivamente na mesma história as tradições judaica e cristã, retomando temas como traição, culpa e expiação, produzindo um texto em que o personagem central traz consigo não apenas a culpa pelo brutal assassinato de seu irmão, mas uma culpa que atinge toda a humanidade, usando suas palavras “como se tivesse matado todos os irmãos do mundo”. Atormentado pela culpa e dominado pela inquietação, se revolta contra a dor e convive com o desejo da morte, e como afirma José Castelo está condenado a viver separado de si. Em meio a um abismo que tanto o atravessa como o penetra. Resultando num processo em que ele mesmo se torna incompreensível e sem solução, e quanto mais procura se entender menos se compreende, buscando por fim a libertação na morte.

Palavras- chave: Literatura; Rivalidade fraterna; Reconfiguração.

A SUBJETIVAÇÃO DA DOENÇA: AS IMAGENS DA TUBERCULOSE NA POÉTICA DE MANUEL BANDEIRA

Maria Rita Araújo dos Santos
Mestranda MLI/UEPB

A literatura tem sido um meio propício para que diversos autores possam representar uma dada realidade, com o poder de recriá-la, convertendo diferentes aspectos da mesma em figurações. Aprendermos a poética de Manuel Bandeira é ir além da concepção de poesia apresentada por Paz (1982, p.15) como salvação, poder, abandono, é concebê-la, também, como exercício de libertação interior, confissão, experiência. Arrigucci (1990), ao se deter sobre a poética de Bandeira, também a apresenta como oriunda de sua experiência. Conforme Arrigucci (1990), “a noção de poesia que Bandeira nos apresenta se liga à experiência do momento, através de imagens, elas próprias desentranhadas da memória de sua infância”. Soma-se a essas imagens, a imagem da doença – elemento chave que serviu para impulsionar seu fazer poético. Esta pesquisa se propõe estudar as imagens da tuberculose na poética bandeiriana. Para tanto, guiaremos nossas investigações a partir de duas questões, as quais procuraremos responder em cada uma das etapas que compõe este trabalho: a) Quais as atitudes do poeta frente ao que ele representa na poesia como doença?; b) Como vai se construindo, em sua poesia, o desejo de libertação dos sofrimentos? Para nossos fins, temos o objetivo de verificar as imagens da tuberculose em Manuel Bandeira – como fatalidade e tormento – juntamente com as imagens dessa mesma doença impulsionando o desejo pela vida vão se complementando na poesia. Para a concretização do objetivo proposto, utilizaremos como corpus de análise nove livros presentes na coletânea *Estrela da vida inteira*. Todavia, nos deteremos apenas aos poemas que evidenciam o percurso que pretendemos trilhar a partir deste estudo, ou seja, observar, passo a passo, como a tuberculose é representada na poética bandeiriana. Como tentativa de responder às questões que norteiam o objetivo

desta pesquisa, sugerimos duas hipóteses: a primeira é a de que, num primeiro momento, a doença é representada como um tormento e o eu-lírico se apresenta completamente envolvido pelo clima de ressentimento e melancolia. Na segunda hipótese, consideraremos que, mesmo em face do tormento causado pela doença, é possível visualizar na poética um forte anseio de amor e desejo pela vida que vai se construindo nos poemas como forma de libertação das amarguras. O trabalho será fundamentado nos estudos de Arrigucci (1987, 1990), Pontiero (1986), Couto (1960) por analisarem a poesia de Manuel Bandeira, apontando a imagem da doença como norteadora dessa poética. Recorreremos ainda aos apontamentos de Sontag (2007), Gonçalves (2002), Montenegro (1971) sobre a doença, Kehl (2004), Fiorin (2007) sobre ressentimento, Otto (1992), Eliade (1992) sobre o sagrado, Viana (2004), Scliar (2003) sobre a melancolia. É importante realizar esta pesquisa, no que diz respeito ao Mestrado em Literatura e Interculturalidade, em primeiro lugar pela qualidade indiscutível da obra poética de Manuel Bandeira que justifica qualquer estudo voltado para ela, principalmente para o que propomos realizar, que é o tema da doença, dentro dos aspectos socioculturais, tratado literariamente. Em segundo lugar, pela importância do tema que escolhemos que atravessa a obra do autor em estudo. Após um ano de leitura e releitura do aporte teórico modificamos o projeto inicial, o trabalho foi reestruturado em quatro capítulos, o primeiro capítulo já foi concluindo, o segundo estar em construção e o aporte teórico para os dois últimos já selecionado, dessa forma pretendemos nos qualificar em Setembro com a apresentação dos dois primeiros capítulos para a banca examinadora.

Palavras-chave: Imagem da doença, Sofrimento, Ressentimento, Melancolia, Desejo de libertação.

O INDECIFRÁVEL DA ANGÚSTIA: CRISE DO SUJEITO E DA PALAVRA EM ALEJANDRA PIZARNIK E ANA CRISTINA CESAR

Sara de Miranda Marcos (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Rosângela Soares de Queiroz)

Na pós-modernidade, diante da predominância da cultura do espetáculo, a qual se baseia na exaltação do eu, no exibicionismo da própria imagem e do que esta representa, o sujeito que vive para a sua subjetividade se sente deslocado. Este deslocamento gera angústia que se manifesta de forma mais intensa no silêncio, tornando suas sensações mais densas indecifráveis. A pesquisa tem como corpus de análise as obras poéticas de Alejandra Pizarnik, poetisa argentina da década de 1960 e 1970 e de Ana Cristina Cesar, brasileira que tem publicações datadas de 1970 e meados de 1980. Acredita-se que as obras poéticas de Alejandra Pizarnik e de Ana Cristina Cesar se encontram neste contexto, apesar de suas criações serem de momentos e locais distintos. Percebe-se na obra das duas poetisas a presença do sujeito deslocado, que vive dentro-de-si, que se

fragmenta ou se mostra através de várias vozes. Além disso, nota-se, na obra das duas autoras, uma busca constante pela palavra poética que represente o não-dito da angústia. Portanto, o objetivo desta pesquisa é comprovar a existência de uma aproximação entre as obras das autoras em questão, no que diz respeito às temáticas da angústia e do silêncio. Para tanto, busca-se, inicialmente, analisar de que modo características da modernidade e da pós-modernidade estão presente em seus poemas, relacionando essas características com a manifestação de um sujeito fragmentado (pós-moderno). Levanta-se também a discussão acerca da dialética existente entre vida e obra das poetisas, tomando-se a devida cautela para não cair no senso comum de relacionar a criação poética das autoras como textos puramente biográficos. Após relacionar os modos de criação da poesia das autoras, procura-se destacar os aspectos das sensações que se ligam à angústia e ao silêncio. Como embasamento teórico-metodológico utiliza-se Bachelard (1993); Birman (1999); Connor (1993); Deleuze (1997); Jameson (1993); Mangueneau (2001); Olievenstein (1989); Orlandi (1995); Paz (1974); Süsskind (1995).

**JORNALISMO E LITERATURA: O ROMANCE-REPORTAGEM EM
CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA E ARACELLI, MEU AMOR:
UM ANJO ESPERA A JUSTIÇA DOS HOMENS**

Aline Ferreira Durães (PPGLI/ UEPB)
(Orientador: Profa . Dra. Sudha Swarnakar)

A arte de lidar com as palavras, a possibilidade de subvertê-las, trabalhá-las em diferentes perspectivas é um caminho que cria territórios propícios para diferentes interfaces. A longa e duradoura polêmica de aproximações e disparidades entre literatura e jornalismo é um destes casos. Considerando que este ainda segue acusado de vulgarizar e baratear o mundo das ideias, enquanto o romance continua fazendo da informação um de seus principais dispositivos (cf. Castro e Galeno, 2002), surge a necessidade e o objetivo desta pesquisa que é discutir o entrelaçamento das duas expressões no romance-reportagem. Para tanto, a proposta de pesquisa elege como campo de observação e investigação do processo criativo específico desse formato, as obras: *Crônica de uma morte anunciada* (1981), de Gabriel García Márquez e *Aracelli, meu amor: um anjo espera a justiça dos homens* (1976), de José Louzeiro. Após reflexões sobre as obras, consideramos que ambas são híbridos que transitam entre o jornalismo e a literatura, de forma permeável, permitindo útil e prazerosa convivência. Dessa forma, através do método comparativo propomos uma investigação dos aspectos e características do romance-reportagem, a relação entre fato e ficção, bem como as marcas da linguagem que constrói a trama discursiva, especificamente no contexto de produção da América Latina, por meio da obra colombiana e da brasileira. Como contribuições teóricas, que até o presente momento foram parcialmente ou integralmente analisadas, situam-se os estudos de Antonio Candido (2008) sobre literatura e sociedade; a teoria do romance de Mikhail Bakhtin (1990) e Georg Lukács (2000); o pensamento sobre o romance-reportagem de Lima (1995), Cosson (2001), Bianchin (1997) e

os estudos da análise comparativa de Bessnet (1993), dentre outros. O trabalho de leitura das obras foi acompanhado de resumos e fichamentos, para melhor captação e reflexão das teorias em análise, assim como textos foram produzidos com a finalidade de publicação em eventos acadêmicos, como oportunidade para discutir acerca da importância do jornal como suporte para literatura. Sobre a feitura da dissertação, o primeiro capítulo, focado no olhar da contextualização do romance-reportagem como um elemento híbrido, da literatura e do jornalismo, bem como seu conceito, características e influências já foi elaborado e entregue a orientadora para sua devida apreciação e posterior correção da pesquisadora. Prosseguimos compondo o segundo capítulo que versará sobre *Crônica de uma morte anunciada*. Iniciamos mencionando dados bibliográficos de Gabriel García Márquez, sua passagem pelo jornalismo e sua jornada intelectual de escritor, importantes elementos para compreender sua produção, discutiremos ainda a obra aos olhos da crítica e analisaremos o texto a luz do romance-reportagem. Em seguida, faremos a mesma trajetória de estudos com a obra, *Araceli, meu amor: um anjo espera a justiça dos homens*, e com José Louzeiro, no que se refere à crítica e sua produção. O último capítulo será dedicado à análise comparativa dos textos que compuseram o *corpus* da pesquisa. Nele os traços que aproximam e distanciam os autores na escolha por estratégias que entrelaçam o jornalismo nas malhas da produção literária serão discutidas no âmbito do romance-reportagem. Por fim, espera-se contribuir para que os estudos frente à interface literatura e jornalismo, dentro de uma reflexão aberta e crítica, possam transcender o preconceito que ainda hoje impera nestas relações.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: DIÁLOGOS ENTRE FICÇÃO E “REALIDADE” EM MAUS E PALESTINA

Evangley de Queiroz Galdino (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Luciano Barbosa Justino)

Esta pesquisa tem como *corpus* as HQs *Maus*, de Art Spiegelman, e *Palestina*, Joe Sacco. Num primeiro momento, propomos uma reflexão sobre a formação das Histórias em Quadrinhos levando em consideração sua intersemiose, o cruzamento do escrito, do visual e do sonora e suas implicações para as relações entre memória e testemunho, fundamentais para se compreender as narrativas propostas. Isso posto, tais obras em questão levantam questões que nos levam a repensar o lugar da própria história em quadrinho, comumente associada apenas ao entretenimento e à comunicação de massa. Nosso objetivo é compreender como a fronteira tênue entre ficção e realidade torna complexa qualquer apreensão simples da história e do passado, tanto individual quanto coletivo, e como um meio de massa é capaz de acioná-la. O estudo comparativo entre as duas HQs mostrará dois momentos distintos no que podemos chamar de uma “história do testemunho” na modernidade e na pós-modernidade. Ao estudarmos estas obras vemos que, na medida em que objetiva tornar

representável uma realidade desumanizadora e até certo ponto indizível, o ato de narrar é ao mesmo tempo uma reflexão sobre as possibilidades da narrativa em “tempos pós-modernos”. Para tanto, como princípios teórico-metodológicos utilizaremos Siligmann, Bakhtin e McCloud.

ADMIRÁVEL SHAKESPEARE NOVO: LITERATURA, CINEMA E VÍDEO EM *PROSPERO'S BOOKS* DE PETER GREENAWAY

Eveline Alvarez dos Santos (UEPB/PPGLI)
(Orientador: Luciano Barbosa Justino)

O texto literário vem sendo mote para processos tradutórios em outros sistemas simbólicos como cinema e televisão. Em meio a inúmeras traduções da literatura para tela, o espectador tem se deparado com diversas releituras da obra de Shakespeare para o cinema e a televisão. O dramaturgo e poeta é escritor que possui o maior número de traduções para tela do cinema. Segundo LEÃO (2008), são mais de setecentas adaptações deste autor produzidas desde o século XIX até os dias atuais. Apesar Peter Greenaway é um dos mais importantes pesquisadores da linguagem do cinema em sua interface com outros meios, sobretudo os digitais. De acordo com BARROS (2007), foram as novas tecnologias dos meios midiáticos que o fizeram repensar o cinema e a produzir um cinema de pesquisa, sobretudo a partir da utilização de procedimentos do vídeo digital. Philippe Dubois (2004) e Arlindo Machado (2004) propõem um conceito de vídeo centrado na idéia de estágio, um vídeo não possui um ser, mas um estar, no qual o movimento de cinetismo é definidor. O diálogo do cinema com o vídeo digital desencadeia diversas problematizações tanto da estrutura narrativa e visual do cinema, quanto de sua recepção. Nossa pesquisa tem como objetivo investigar como, através da intersemiose cinema/vídeo, o filme *Prospero's Books* (1991) de Peter Greenaway, tradução de *A tempestade* de Shakespeare, contém questões instigantes a respeito dos processos de tradução intersemiótica contemporâneos. Partiremos de três eixos centrais: 1) Estudar os princípios teóricos de importantes críticos que se debruçaram sobre as traduções da literatura para outros meios, em especial para o cinema, a exemplo de Stam (2008), Hutcheon (2002) e Plaza (2003); 2) Analisar os vieses imagéticos e narrativos da peça shakespeariana para fins de seu confronto na relação cinema/vídeo; e 3) Analisar no filme a intersemiose literatura, cinema e vídeo.

O PAGADOR DE PROMESSAS E SUAS RELAÇÕES COM O TEATRO/DRAMA BRASILEIRO MODERNO: A DISCUSSÃO SOBRE O PROJETO NACIONAL-POPULAR

Josué Pereira dos Santos (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Diógenes André Vieira Maciel)

A montagem de *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em 1960, foi imprescindível para consolidar uma tendência

que teve início, de modo sistemático, com a adesão de artistas, politicamente alinhados à esquerda, no Teatro de Arena de São Paulo. Entende-se que a montagem deste texto no TBC apontava para a consolidação de uma espécie de hegemonia do projeto nacional-popular para os nossos palcos, iniciado em 1958, configurado a partir da perspectiva de um projeto de direção cultural, atrelado ao Partido Comunista Brasileiro, com várias frentes de atuação, e que começa a se concretizar a partir do sucesso de *Eles não usam Black-tie*, em 1958, no teatro. Assim, peças que elevam à condição de protagonistas as classes subalternas, como operários ou o campesinato, tornam-se uma espécie de convenção que devia ser seguida pelas companhias que quisessem competir pelo gosto do público. Propõe-se a discussão sobre a importância de Dias Gomes nesse contexto, pois *O Pagador de Promessas*, *corpus* desse estudo, foi a primeira peça que fez sucesso no TBC, sob esta perspectiva, o que acaba por colocar em questionamento as bases burguesas do seu repertório e das outras companhias de inspiração tebeciana, no curto espaço de tempo entre 1960-1964, quando se dá o Golpe Militar. Essa peça se apresenta como um desafio para a crítica e estudiosos no que diz respeito ao seu aspecto formal: trata-se de uma tragédia, como indica Anatol Rosenfeld (1996), ao mencionar o encadeamento rigoroso das cenas que levam ao desfecho trágico de Zé do Burro, e também a unidade de ação, tempo e lugar? Ou, de um drama épico, como problematiza Iná Camargo Costa (1987) ao se referir à fratura comunicacional do diálogo da peça, como herança de Strindberg e Tchékov; e ao seu plano de fundo, a saber: a luta de classes? Como se resolve nesta peça a contradição temático-conteudística? Há realmente uma tessitura épica da ação? Delineiam-se as respostas, a partir do estudo do paradigma crísico proposto por Peter Szondi (2003) como chave teórica, ao considerar as dificuldades técnicas surgidas da contradição entre conteúdo e forma, instaurada com a emergência da classe operária, a qual passa a reivindicar representatividade no drama. Isso provocou sua caminhada rumo ao teatro épico, formalizando o que se chamará de drama moderno, surgido da busca da solução dessas contradições que passam pela tentativa de salvar a antiga forma por meio do diálogo dramático, como também pela incorporação – tentativa de superação – dos elementos épico-narrativos. Entende-se, ainda, que se o teatro brasileiro moderno só começa a haver, de modo sistemático, a partir da abertura do TBC, em 1948, de outro lado, a produção de dramas modernos brasileiros só se consolida quando as matérias das peças de autores nacionais são abstraídas de nossa realidade nacional. Para nos ajudar a lançar luz sobre as questões apontadas, nos debruçaremos sobre as discussões suscitadas a partir da busca dos artistas-intelectuais por uma cultura/teatro nacional-popular, através de estudiosos como Costa (1987), Mostaço, (1982), Maciel (2004), Rubim (1995). Outrossim, transitaremos pelas discussões acerca da questão formal da Dramática, em autores como Szondi (2003), Rosenfeld (1985), Maciel (2008) e Costa (2009) para nos ajudar a entender a “crise” da forma do drama e as tentativas de solução dessa crise, a partir da incorporação de elementos épicos e de que forma essa crise se reflete no contexto do teatro/drama moderno brasileiro, especialmente em *O Pagador*, pondo em questionamento a postura já estabelecida pela crítica que toma este texto como inserido dentro do paradigma das formas da tragédia.

Palavras-chave: Nacional-popular; Teatro/drama brasileiro moderno; Tragédia moderna; Dramaturgia brasileira; Dias Gomes.

LITERATURA E POLÍTICA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA

Mara Carolina de Lima Galvão (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Luciano Barbosa Justino)

A expansão dos mercados editoriais e da importância relativa dos usos da escrita na vida cotidiana tem trazido novas dinâmicas à tradição literária, pois o perfil daquilo que entendemos como literatura tem se ampliado de tal modo que hoje já se pode falar de “cânones” e não de um cânone particular e universal. Nosso objetivo é estudar como a longa tradição da literatura serve de suporte para produções escritas que têm como objetivo outras demandas não-literárias mas as enuncia “literariamente” ou tendo a escrita literária como horizonte próximo. O *corpus* da pesquisa são as seis “Declarações da Selva Lacandona”, textos coletivos assinados pelo *Ejercito Zapatista de Liberacion Nacional*. No dia 1º de janeiro de 1994, data de entrada em vigor do NAFTA, tratado de livre comércio EUA, México, Canadá, para os zapatistas uma reencarnação do colonialismo, 3 mil homens e mulheres, oriundos de diversos grupos étnicos, armados, assumiram o controle das principais cidades da região adjacente à Floresta de Lacandon, Estado de Chiapas, México (Cf. CASTELLS). Ainda em janeiro de 1994, publicaram a primeira das seis declarações da Selva Lacandona. Na origem da expansão internacionalista da internet, os zapatistas buscam organizar uma rede mundial de solidariedade em prol de sua luta e das minorias do mundo sob o neoliberalismo, constituindo o que se pode chamar de uma *indymedia*, na qual a literatura desempenha um papel importante, como tentaremos demonstrar no texto final da dissertação. Nossa pesquisa tem percorrido um caminho de 3 veredas: 1) Estudar como se dá a relação entre manifesto político e manifesto literário, retomando o debate sobre as vanguardas literárias do século XX e de seu viés político direto. Para tanto, partiu-se da leitura do Manifesto Comunista de Marx e Engels feita por Marshall Berman e do livro de manifestos e textos críticos das vanguardas latino-americanas organizado por Jorge Schwartz; 2) Analisar nas declarações, sobretudo na quarta declaração, duas paratopias (Cf. MAINGUENEAU), uma “étnica”, da negociação entre forma de vida e escrita política, outra, “literária”, do intelectual branco e da tradição literária que ele carrega na Selva Lacandona; 3) Fazer análise textual, no sentido tradicional mesmo de Análise Literária, da Quarta Declaração: *Hermanos: No morirá la flor de la palabra. Podrá morir el rostro oculto de quien la nombra hoy, pero la palabra que vino desde el fondo de la historia y de la tierra ya no podrá ser arrancada por la soberbia del poder.*

O JORNALISMO GONZO COMO CATALISADOR DAS FRONTEIRAS 'JORNALISMO' E 'LITERATURA': APLICAÇÃO DA LITERATURA COMPARADA NAS OBRAS DE HUNTER THOMPSON E XICO SÁ

Ligia Coeli Silva Rodrigues (PPGLI/UEPB)
(Orientadora: Sudha Swarnakar)

Utilizando o método da literatura comparada, através de teóricos como Susan Bassnet, S. S. Prawer e Henry Remak e outros teóricos da literatura e jornalismo realizaremos uma análise comparativa do gênero Jornalismo Gonzo e sua representação através das obras dos escritores e jornalistas Hunter Thompson (americano) e Xico Sá (brasileiro, cearense). A técnica de reportagem Gonzo foi criada nos Estados Unidos no início dos anos 60 por Hunter Thompson e une elementos do jornalismo convencional e da literatura, utilizando recursos como ficção e verossimilhança para questionar a ideia de imparcialidade jornalística. A problemática desse trabalho surge diante de questionamentos dirigidos às ligações fronteiriças entre as áreas de estudos. Um deles se refere à atuação do repórter: seria ele um sujeito potencialmente capaz de produzir literatura dentro do contexto jornalístico? Movidos por questionamentos como esse, analisaremos ainda como o sujeito-repórter pode utilizar a ficção de modo que esse recurso não atue como um elemento 'ofensivo' à pretensão da descrição e alcance da 'verdade' no jornalismo. Acrescentamos ainda a necessidade de levantar os pontos de convergência entre os gêneros jornalístico e literário, fazendo discussões a cerca do realismo, além de refletir a cerca da fronteira onde se encontra a possibilidade de utilização da técnica do Jornalismo Gonzo e analisar como ele é representado nos autores especificados, comparando assim a abordagem Gonzo jornalística nas obras deles. Para isso, partimos da hipótese de que a utilização de recursos estéticos e narrativos vindos da literatura integram a gama de mudanças que estão sendo absorvidas pelo jornalismo contemporâneo, como forma de causar mais impacto na receptividade do leitor. Nesse trajeto, refletiremos sobre os desafios de inserir essas técnicas sem que elas retirem a credibilidade do texto e como o Jornalismo Gonzo representa uma reação frente à fragilidade do discurso jornalístico. A primeira sessão do trabalho é uma abordagem comparativa entre as áreas de conhecimento, onde serão discutidas as reciprocidades entre saberes, levando em consideração os aspectos históricos. Nesse levantamento traçaremos um breve panorama dos principais estudiosos brasileiros da área, a exemplo de Rildo Cosson (2007), Marcelo Magalhães Bulhões (2007) e Antônio Olinto (1968). Devido à escassez de estudos sobre Jornalismo Gonzo, dedicamos o segundo capítulo às exemplificações e aprofundamento das definições que foram realizadas *a priori* pelos pesquisadores Cristiane Othithis (1994) e André Cardoso Czarnobai (2003) onde trataremos as sistematizações e características do texto gonzo, exemplificados com trechos da obra, contexto histórico e social e as diferenciações, discussões e aplicabilidade do jornalismo gonzo em comparação com o jornalismo tido como 'tradicional', além de aplicações da semiótica ilustrando a impossibilidade de se alcançar o 'real' e reflexões a cerca da falsa ideia da objetividade como recurso para acelerar os processos da utilização da literatura. No capítulo seguinte, serão elencadas as características da escrita de Xico Sá e aproximações estéticas com o Jornalismo Gonzo e ao final do estudo

faremos a análise, comparativa de duas obras dos escritores selecionados (corpus a ser delimitado). Entre os aspectos a serem analisados estão: elementos da literatura incorporados aos textos; fragmentos das obras em contraste e aproximações e a visão dos narradores-repórteres diante dos fatos.

Palavras-chave: Jornalismo Gonzo, Literatura Comparada, Hunter Thompson.

DEZ CONTOS E UM SEGREDO: A REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO EM *ONZE*, DE BERNARDO CARVALHO

Bruno Rodrigues Campos (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza)

Percebe-se, a partir do movimento feminista da década de 1960/1970, uma ampliação de questionamentos sobre as relações de gênero dentro do meio social. A tentativa de emancipação da mulher, em conjunto com o possível surgimento da quebra de uma masculinidade padronizada, fez nascer outro modelo de arte literária. Tais transformações podem ser percebidas em uma literatura produzida tanto por homens quanto por mulheres. Enquanto a escrita feminina começou a buscar em seus textos a insurreição/subversão perante a ordem falocêntrica, a escrita masculina também apresenta indícios de mutação. Saliendo que a literatura de autoria masculina defendia – mesmo que subjetivamente –, em geral, o patriarcalismo, essa “nova” configuração dos textos produzidos por homens apresentam o comportamento dos personagens – em especial os varões, anteriormente tidos como “modelo” dentro da sociedade machista – de maneira mais elusiva, quer nas ações que suportaram sua constituição, quer na própria composição identitária dos mesmos. Tomando como corpus analítico o livro *Onze – uma história* (1995), do escritor contemporâneo Bernardo Carvalho, o trabalho em questão tem a finalidade de averiguar o modo como os personagens masculinos da referida obra são apresentados e observar como estes podem representar a quebra do “padrão heterossexual” e/ou o possível surgimento de um “novo modelo” de homem, que surgiu no final do século XX e início do século XXI. Observa-se também, no texto de Carvalho, a transformação da própria ideia da masculinidade na sociedade atual, partindo do pressuposto de que a representação fálica passou a ser, no período pós-Revolução Cultural, de certa forma, pluralizada – uma vez que a virilidade teve a sua unidade questionada, abrindo espaço para diversos comportamentos do homem. Para a resolução desta problemática, trabalha-se com duas hipóteses. A primeira busca analisar a construção da identidade masculina, sendo que esta ocorre, no mundo contemporâneo, a partir de múltiplas possibilidades de caminhos que o homem da atualidade pode trilhar. Este leque de opções pode fazer com que a representação do pressuposto de “ser macho” seja prejudicada, acarretando ao homem a perda na sua constituição como sujeito “viril”, causando uma provável “quebra” no pressuposto da heteronormatividade. A segunda proposição alude à existência de um novo modelo sociocultural de homem, que surge a partir da rejeição ao “padrão” de

masculinidade preestabelecido (sendo este padrão um construto ideológico e que sofre alterações no decorrer do desenvolvimento identitário do indivíduo). Isto significa afirmar que cada homem vai incluir na sua “formação masculina” índices oriundos das mais variadas relações sociais: status, poder econômico, região, raça, dentre outros, renunciando assim a existência da homogeneidade do “macho” nas sociedades tidas como “androcêntricas”. Analisar o surgimento dessas novas questões sobre o homem torna-se imprescindível no que tange ao estudo das consequências da transformação das relações de gênero, e de como estas mudanças influenciam também os textos literários contemporâneos. Além disso, o fato de a representação do masculino presente nos textos anteriores à Revolução Cultural não comportar mais a “realidade” deste “homem modificado” faz com que o exame da obra de Carvalho venha a ser indispensável, pois este tenta (re)criar novos paradigmas acerca do masculino nas suas produções. Realiza-se um estudo interpretativo para que sejam discutidas questões acerca da construção dos sujeitos ficcionais masculinos da supracitada obra de Carvalho. Para este feito, utilizam-se os estudos de Badinter (1993), Bourdieu (2003), Nolasco (1993), Castells (1999), Tolson (1977), dentre outros, que servirão de aporte teórico para apontar as possíveis modificações sociais pelas quais atravessa o homem, e como este suposto “novo comportamento” está representado na produção literária da contemporaneidade.

Palavras-chave: Representação Masculina. Contemporaneidade. “Novo” homem.

HISTÓRIA DO DESEJO GAY NA LITERATURA BRASILEIRA

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Antonio de Pádua Dias da Silva)

A partir da concepção de que a literatura expressa e problematiza relações sociais, conforme Antonio Candido (2006), a pesquisa tem por objetivo principal cartografar a trajetória do desejo homoerótico na literatura brasileira do século XX, aqui tomada como corpus pelo gênero conto. Foram escolhidas dez narrativas de ficção distribuídas de acordo com as décadas do século XX, a saber, “Pílades de Orestes” [1906], de Machado de Assis; “História de gente alegre” [1910], de João do Rio; “O Menino do Gouveia” [1914], de Capadócio Maluco; “A Grande atração” [1936], de Raimundo Magalhães Jr.; “Frederico Paciência” [1947], de Mário de Andrade; “A moralista” [1957], de Diná Silveira de Queirós; “Paixão segundo João” [1969], de Dalton Trevisan; “Interlúdio em San Vicente” [1976], de João Silvério Trevisan; “Terça-feira gorda” [1982], de Caio Fernando Abreu; “Família” [1997], de Rubem Fonseca. O olhar da pesquisa se orienta em uma perspectiva diacrônica e crítica, fazendo entrelaçar discussões que abarquem os seguintes temas: crítica e teoria literárias as quais norteiam a análise das obras, história da homossexualidade no Brasil e história

da literatura brasileira, cujo conhecimento auxilia a entender o contexto histórico de publicação dos contos, estudos gays e culturais quanto às noções de desejo homoerótico, relações de poder e mudanças socioculturais. O século XX, segundo Stuart Hall (1997), foi período de rupturas e mudanças na maneira de os indivíduos se compreenderem e se relacionarem com o outro, as categorias de gênero, sexualidade, classe se modificaram, as identidades foram fragmentadas, as noções de amor, amizade e intimidade, segundo Anthony Giddens (1997) e Zigmunt Bauman (2004), foram transformadas. À medida que esse cenário de alterações se cristaliza, a literatura, como discurso que é parte irreduzível da vida social, também é alterada em suas bases estéticas e ideológicas. As personagens de ficção são o elemento básico de análise da pesquisa, uma vez que são os seres de papel que encenam o desejo gay, que sofrem os conflitos sociais plasmados na ficção e que permitem interpretar a condição e os modos de vida homoeróticos inscritos, subjetivados e problematizados nos e pelos contos em questão, nesse aspecto, as contribuições tradicionais e releituras contemporâneas da narratologia que se dedicam aos personagens de ficção são levados em consideração como base teórica primordial de estudo do texto. A noção de desejo gay com a qual se trabalha parte da discussão postulada pela crítica Eve Kosofsky Sedgwick (1998) que o entende com um conjunto de emoções, anseios, desejos que estão além da perspectiva genital e que evidenciam um modo de vida homoerótico, noção semelhante à de Michel Foucault (1981) sobre a estética da existência e as estratégias de driblar ou adequar-se ao poder pelos modos de vida homoafetivos. A pesquisa vem se desenvolvendo, dando prioridade aos capítulos de análise dos contos a formular discussões que levem em consideração a construção da personagem homoerótica, o contexto histórico da época e as transformações culturais no que diz respeito à homoafetividade. Ao fim da pesquisa, apresentar-se-á a história do desejo gay na contística brasileira do século XX, representada pelo corpus literário, e as tipologias de abordagem do desejo homoerótico na literatura, da intimidade dessas personagens e da capacidade de elas romperem ou reforçarem estruturas de poder.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Século XX. Contos. Desejo homoerótico.

**NOS LABIRINTOS DO DESEJO: REPRESENTATIVIDADE DO
ESPAÇO NA EXPRESSÃO DE SUBJETIVIDADES HOMOERÓTICAS
EM TRÊS NARRATIVAS DE AGUINALDO SILVA**

Helder de Araújo Holanda (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Antonio de Pádua Dias da Silva)

A emergência de um movimento e de uma subcultura gay pós – Stonewall(1969)foi de suma importância para o surgimento de um novo modelo de vida urbana, no qual as diferenças passassem a ser percebidas, discutidas,representadas e ,consequentemente, respeitadas.O espaço social e urbano , percebendo esta nova realidade de inclusão e de representação de

subjetividades diversas ,desencadeou um redimensionamento dos estudos culturais na sociedade.As lutas empreendidas e as conquistas alcançadas pelas minorias sexuais,essencialmente os gays,nas últimas décadas do século XX, abriram caminhos para o desencadeamento de mudanças significativas em outros setores sociais como é o caso da expressão literária que,por muitos anos, permaneceu controlada por valores sexistas e heteronormativos ,tratando como patológico e anormal ,aquilo que se constituía apenas em diferença.Com a formação de territorializações ou microterritorializações homoeróticas,passamos a verificar interações humanas centradas na diversidade e na representação positiva e menos degradante de sujeitos homoafetivos,antes marginalizados e oprimidos por conta do seu desejo e de sua afetividade destoante da norma.Diante do exposto, percebe-se que dois elementos norteiam o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa: o espaço e a literatura homoerótica.Para o desenvolvimento da dissertação,estabeleceu-se como corpus para a pesquisa três narrativas do escritor Aguinaldo Silva : No País das Sombras (1979), Memórias da Guerra (1986) e Lábios que Beijei(1992).A priori ,serão discutidas algumas visões referentes ao espaço geográfico e social,tais como guetos,espaços de deriva e\ ou trânsito de indivíduos,fronteiras e outras formas de espacialidade.No âmbito do espaço da narrativa ,serão estudadas a representatividade dessas espacialidades,bem como suas interferências e correlações na representação literária dos indivíduos homoafetivos presentes nas obras selecionadas .Analisar-se-ão também os cronotopos narrativos do corpus delimitado,promovendo também uma topoanálise,geradora de informações e dados sobre a funcionalidade e organicidade desse espaço narrativo, capaz de fornecer dados profícuos e esclarecedores sobre essa relação espaço x homotextualidade nos textos escolhidos de Aguinaldo Silva .Como continuidade desse estudo, e ainda relacionado à questão da espacialidade,na literatura desse escritor contemplado,será discutida a condição do homoafetivo como um outsider ou estrangeiro no percurso das três narrativas constituintes do corpus do trabalho ,com a finalidade de avaliar o grau de estranhamento ou distanciamento, externo ou interno, vivenciado por essas personagens no universo de suas configurações identitárias,ilustradas a partir de perspectivas bem diferenciadas historicamente Posteriormente,estabelecidas,as relações entre a perspectiva espacial e as narrativas estudadas,o estudo terá condições de entender melhor como o espaço interage com a condição homoafetiva das personagens estudadas em Aguinaldo Silva e como interfere na concretização de seus desejos e vivências,na elaboração dos discursos e na construção da imagem social e humana do universo homoafetivo. Ao revelar um pouco da ficção desse escritor,sedimenta-se,no cenário literário brasileiro,um nome significativo e responsável pela produção de uma literatura ainda classificada como de minoria.Dentre os muitos referenciais teóricos trabalhados destacam-se : José Carlos Barcellos, Michel Foucault, Milton Santos, Flora Sussekind, Denilson Lopes, Gaston Bachelard, Oziris Borges, Julia Kristeva, Yu Fu Tuan, Jurandir Freire da Costa, Bakhtin, João Silvério Trevisan, James Green e outros.

CONFIGURAÇÕES HOMOAFETIVAS EM ROMANCES JUVENIS

Kyssia Rafaela Almeida Pinto (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Antonio de Pádua Dias da Silva)

Os estudos acerca da representação dos sujeitos homoafetivos na literatura têm criado significativos debates em torno das questões concernentes a própria noção de identidade que, por si só, é uma questão complexa na contemporaneidade. A pesquisa em desenvolvimento se propõe a analisar, pelo viés da cultura e cujas bases aludem ao plural e ao diverso, a representação homofetiva nos romances juvenis, com o objetivo de investigar o discurso sobre a construção identitária entre as personagens, todos adolescente e em fase de descobrimento de sua (homo) afetividade. As categorias teórico conceituais *literatura*, *gay* e *cânone literário* serão basilares para o desenvolvimento do estudo da literatura homoafetiva. O corpus de análise constitui-se de uma seleção de quatro narrativas romanescas "juvenis": *O amor não escolhe sexo* (1997) de Giselda Laporta Nicoletis, *Menino ama menino* (2000), de Marilene Godinho, *Cartas Marcadas* (2007), de Edson Gabriel e Antonio Gil Neto e *O Diário de Rafinha – a duas faces de um amor* (2009), de Léo Dragone. Entende-se que estes se enquadram dentro das características pretendidas para o estudo em desenvolvimento, a saber, tratam-se de romances juvenis que apresentem o sujeito de orientação homoafetiva em seus enredos, saindo do campo metafórico da narração e abordando as relações afetivas entre iguais. Como objetivos específicos, pretende-se verificar se há uma sistematicidade quanto a abordagem do tema homoafetivo nesse gênero literário, perceber como se processa a representação dos sujeitos concebidos como gays nesta literatura, e identificar como as representações dos sujeitos de orientação homoafetiva nestas obras problematizam questões relacionadas ao respeito e à tolerância ou como mantêm os paradigmas binários de gênero e de sexualidades que resultam no preconceito e na negatividade dos homoafetivos. A análise de conteúdo será abordada através de elementos narrativos (personagens, espaço, narrador), presentes nesses romances, quando contribuem para criar ou questionar as alteridades. Nessa perspectiva, vê-se a literatura juvenil que aborda a homoafetividade como espaço de (des)construção simbólica do adolescente, que reinventa ou contribui para a manutenção dos estereótipos da heterossexualidade. Estas reflexões estão ancoradas em conceitos teóricos provindos dos Estudos Culturais e gênero, embasando-se teórica e criticamente em Bhabha (1998), Escoteguy (2001), Hall (2005), Silva (2007), Lopes (2002), Butler (2008), Facco (2004), Louro (2008), Foucault (2006a, 2006b, 2006c). A partir da análise do corpus, percebeu-se que, nas obras elencadas, os autores representaram os sujeitos de identidade homoafetiva através de enredos que consideraram o universo e a cultura gays como o elemento principal de suas narrativas, corroborando assim a construção da identidade destes sujeitos. A pesquisa encontra-se em um significativo estado de desenvolvimento e até onde nos foi possível inferir, os autores representaram os sujeitos de identidade homoafetiva através de enredos que consideraram o universo e a cultura gays como o elemento principal de suas narrativas.

Palavras-chave: Literatura. Homoafetividade. Romance Juvenil.

LIRISMO E HOMOEROTISMO NAS CANÇÕES DE ANTÓNIO BOTTO

Rosevan Marcolino de Andrade (PPGLI-UEPB)
(Orientador: Antonio de Pádua Dias da Silva)

A arte poética abrange inúmeras áreas do conhecimento humano e aparece das mais diversas formas, utilizando-se de vários tipos de linguagem. Nesse sentido, podemos afirmar que literatura é um ato criador em que, por meio da palavra, se cria um universo autônomo, onde todas as coisas assemelham-se às que podemos observar no mundo real no qual estamos inseridos, mas quando são transformadas em linguagem assumem uma dimensão diferente, pertencendo ao universo da ficção. Assim, as manifestações da linguagem poética nunca ocorrem de maneira igual, pura e solene, existindo assim, várias possibilidades de representação do discurso poético em seus mais variados temas. Uma temática que ganha espaço nas discussões na Academia, sobretudo na área dos Estudos Culturais é o homoerotismo dentre outras que contribuem para o entendimento da formação da identidade de um povo. Este Em nossa pesquisa tomaremos como *corpus* poemas António Botto, poeta português que no início do século XX rompeu com as amarras religiosas e políticas de sua época e produziu vários livros que tratam de várias temáticas, sobretudo o homoerotismo. Em suas *canções*, o autor revela declarações de amor direcionadas a rapazes, e demonstrando um desejo exacerbado de possuir o outro. O principal objetivo dessa pesquisa será analisar as canções do ponto de vista formal, verificando os aspectos estruturais do gênero canção, bem como o arcabouço temático e de conteúdo de maneira simultânea, observando a presença do lirismo e do homoerotismo no livro *Canções de António Botto*. Tendo em vista que existe um grande universo de análises do texto poético que prioriza a observação sempre de forma isolada de ora aspectos formais, ora aspectos conteudísticos, nossa pesquisa procurará desenvolver a análise dos aspectos estruturais e de conteúdo como uma maneira de entender como a temática do homoerotismo vem sendo introduzida nos textos poéticos em análise e quais marcas textuais deixam clara a presença de um desejo voltado para as relações homoafetivas. Para tanto, no nosso primeiro capítulo que tem por título provisório *Definindo o gênero Canção*, faremos uma retomada da teoria que fundamenta o texto poético, focalizando na fôrma fixa canção, como também buscar entender o caráter híbrido desse gênero. Ainda teremos a observação da trajetória do gênero canção e as suas diversas conotações dentro do universo literário, como também trataremos de aspectos voltados para o lirismo. Nesse sentido, fundamentará teoricamente esse primeiro capítulo autores como POUND (2006), STAIGER (1975), TATIT (2004), TINHORÃO (2011), AGUIAR E SILVA (1983), dentre outros autores que teorizam sobre o lirismo presente no texto poético em suas mais diversas manifestações.

Palavras-chave: Canção. António Botto. Homoafetividade. Poesia. Literatura.

DOÑA BÁRBARA E MARIA DA FÉ: A VOZ FEMININA NA FICÇÃO

Lorena Gois de Lima Cavalcante (PPGLI/UEPB)
(Orientadora: Francisca Zuleide Duarte)

O Projeto intitulado *DOÑA BÁRBARA E MARIA DA FÉ: A VOZ FEMININA NA FICÇÃO*, sob a orientação da professora Francisca Zuleide Duarte de Souza tem o objetivo de Fazer um estudo comparativo, tomando como referência as obras *Doña Bárbara* de Rómulo Gallegos e *Viva o Povo Brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro. Pretendendo, dessa maneira, mostrar que as duas obras aparentemente distintas – uma hispano-americana e a outra baiana – conseguem dialogar no que tange as figuras femininas tão expressivas de cada obra. Por se tratarem de obras da literatura latino-americana, sendo uma venezuelana e outra brasileira é que se faz necessário abordar algumas questões referentes a este universo literário, questões como – O que é a América Latina? Qual é a literatura que se desenvolve na América Latina? O que é a literatura latino-americana? – O primeiro capítulo é dedicado exclusivamente a esta literatura que se desenvolve aqui na América Latina, sendo subdivido em tópicos que abordam questões como: nascimento, formação, origens, o boom da literatura latino-americana, o Romance Latino Americano bem como o processo de transculturação baseado no conceito proposto por Ángel Rama. Todas estas questões servem de embasamento teórico para o que será abordado nos demais capítulos, uma vez que visa justamente situar a Venezuela e o Brasil dentro dessa diversidade literária encontrada aqui na América Latina. A revisão bibliográfica realizada busca resgatar a história da literatura em nosso continente, a formação da literatura nacional e o estabelecimento de uma cultura própria que durante muito tempo esteve profundamente ligada à européia. Dado a diversidade de componentes um grande problema enfrentado na América Latina, foi justamente a formação de sua identidade, muitas vezes refletida na literatura. O enfrentamento entre culturas, o idioma que os unificava, mas, que em certa medida era emprestado, causava um certo desconforto e estranhamento por parte dos escritores que buscavam a todo custo encontrar sua identidade cultural e que pudessem expressá-las em suas obras. Mas de todo, a conquista de uma literatura latino-americana trouxe ao continente o reconhecimento de uma literatura nacional e de sua identidade cultural. Já em seu nascimento, com o surgimento de obras mestras, já se anunciava o *bomm* da literatura latino-americana. Já consolidada como uma literatura nacional, ela passou por etapas vitais e criadoras de sua história, com grandes nomes de autores que com sua liberdade criadora deram contorno e estilo próprio ao fazer artístico latino-americano. Durante décadas a América Latina foi vista como um todo mais ou menos homogêneo, por compartilhar de um passado e de uma língua (em amplas zonas) em comum. Mas superando as semelhanças, essa visão foi logo quebrada, uma vez que cada região tem sua história, suas particularidades lingüísticas, culturais e sociais bem diferenciadas e definidas. Outro fator igualmente importante e que não deve ser desprezado é o componente mestiço, a América Latina é um grande continente mestiço que segundo Ricardo Latcham é uma mestiçagem não só de raça, mas também de influências, aspirações e ideologias. A pesquisa está avançada, a dissertação já está em andamento, estando o primeiro capítulo pronto para a qualificação e o segundo

em fase de elaboração. Sobre os próximos capítulos, o segundo e o terceiro serão dedicados a uma análise geral de cada obra – contextualização, espaço, tempo, contexto histórico, personagens, informações sobre os autores, etc. E o quarto capítulo fará uma abordagem comparativa das personagens Doña Bárbara e Maria da Fé. Assim, a abordagem que faremos diz respeito a uma reflexão acerca da conduta de tais personagens em contraposição aos modelos femininos que vigoram na ficção. Estas personagens se destacam na trama por se tratarem de duas mulheres transgressoras, que se distanciam dos moldes de comportamento femininos que estamos acostumados a encontrar na ficção.

Palavras-chave: latino-america, transculturação, transgressão.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM A GLORIOSA FAMÍLIA: O TEMPO DOS FLAMENGOS, DE PEPETELA

Marília Maia Saraiva (PPGLI/ UEPB)
(Orientadora: Rosilda Alves Bezerra)

A literatura angolana carrega consigo as marcas de uma diversidade linguística, étnica e cultural, devido, sobretudo, a uma conturbada e complexa formação histórica de sua nação. A extensa duração do período colonial e a crueldade de uma guerra civil deixaram o país permeado por cisões, desacertos e diversidades culturais. Reconhecer-se em um meio determinado pelas misturas se tornou um grande desafio para os sujeitos existentes nessa nação. Sujeitos esses que encontraram na palavra a arma de combate mais eficiente para a construção de sua identidade, o elemento capaz de mobilizar a sociedade para um objetivo comum: o reconhecimento de uma identidade nacional. Em consonância com esses apontamentos, o *corpus* desta pesquisa é o romance *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, do escritor angolano Pepetela, que narra um fato específico da história de Angola: a ocupação holandesa, representada pela Companhia das Índias Ocidentais, em Luanda, durante sete anos, de 1643 a 1646. Os conflitos giram em torno da família Van Dum, composta por Baltazar Van Dum (holandês), D. Inocência (angolana) e seus onze filhos (três deles filhos de escravas). O narrador apresenta-se como o escravo do senhor Van Dum e, como se não bastasse à própria condição que o condena, é um escravo mudo, analfabeto e sem nome próprio, que, mesmo sendo um personagem, não desenvolve uma participação efetiva na narrativa. Ao mostrar os fatos históricos por meio da ótica do colonizado, o escravo vive uma dualidade ao longo do romance, pois, enquanto personagem, não passa de um ser coisificado, porém, na função de narrador, assume a postura de um ser pensante, dominante e consciente da sua condição miserável na ficção e na história. A presente pesquisa analisa a construção da narrativa observando as relações estabelecidas entre a ficção, história, memória e identidade. Para tanto, a dissertação será dividida em três capítulos: o primeiro discorre sobre as informações históricas e estilísticas da obra citada, enfocando o gênero romance, seus elementos e

especificidades da literatura africana com base nas ideias apresentadas por Rita Chaves (2008, 2009) e Bakhtin (1993). O segundo capítulo analisa a formação do narrador a partir da discussão teórica sobre história e memória, proposta por Jacques Le Goff (2003), Antoine Compagnon (1999), Walter Benjamin (1996), Raymond Williams (2011) e Antonio Candido (2006). O terceiro capítulo direciona a análise para o estudo da identidade cultural na formação de toda a narrativa, ou seja, em sua completude, utiliza como fundamento teórico Stuart Hall (2006), Castells (2008) e Glissant (2005). Ao término do estudo, espera-se associar o referencial crítico apontado pela pesquisa à narrativa em destaque de modo que a teoria possa auxiliar o entendimento do objeto literário. O trabalho está em desenvolvimento e, no seu estágio atual, apresenta o primeiro e o segundo capítulos encaminhados, mas ainda passíveis de reformulação. O terceiro capítulo será trabalhado posteriormente ao fechamento dos primeiro e segundo capítulos.

Palavras-chave: História, Memória, Identidade, Pepetela, Literatura Angolana.

DESCORTINAMENTO DE UM NOVO *ETHOS* NA POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA ABORDAGEM ECOCRÍTICA

Paula Santos Nascimento (PPGLI/UEPB)
(Orientadora Geralda Medeiros Nóbrega)

Não há como refutar o fato de que a humanidade vem passando por uma crise sem precedentes. A degradação de nossa casa comum, a Terra é o sinal mais visível desse processo. Porém vale salientar que “o cenário atual não seria de tragédia, mas de crise. A crise acrisola, purifica e amadurece. Ela anuncia um novo começo, uma dor de parto promissor, e não as penas de um abortamento da aventura humana” (BOFF, 2010, p. 50). Assim sendo, a proposta aqui desenvolvida é trabalhar uma perspectiva sistêmica e holística da natureza, longe de concepções reducionistas e essencialistas, mas privilegiando a reemergência de sentimentos de co-pertença e solidariedade cósmica. Para isso, se incluem nos objetivos deste estudo a discussão entre literatura e ecologia, através de uma abordagem ecológica, na qual se estabelece uma relação intercambiável com a natureza, levando-nos a caminhos que passam por um antropocentrismo e um egocentrismo até chegarmos a um ecocentrismo consciente e alargado, cujo meio natural deixa de ser um simples coadjuvante ou referencial, para se tornar um verdadeiro protagonista. Neste ponto, pretendemos elucidar o caráter revelador da ecológica, na medida em que consegue descortinar a natureza, percebendo-a não de forma idealizada, nem mascarada, mas real, que sofre com as investidas predatórias do ser humano. O móvel da pesquisa visa lançar luz sobre a poética de Patativa do Assaré, com a pretensão de promover um campo de discussões que englobará a natureza e a cultura enquanto contínuos, além de proporcionar através de um estudo interdisciplinar uma investigação que tem como norte os seguintes questionamentos: a) Que aspectos representacionais da natureza estão presentes na obra de Patativa do Assaré?; b) Qual é a função que a natureza

desempenha na poética patativiana?; c) Como a ecocrítica inaugura uma nova percepção da natureza e do sujeito?; d) Como Patativa do Assaré estabelece uma poética ecológica, por meio de uma “linguagem verde”? Para a concretização dos objetivos propostos, utilizaremos como corpus de análise os livros *Aqui tem coisa* (2004); *Cante lá que eu canto cá* (1992); *Inspiração Nordestina* (2006) e *Ispinho e Fulô* (2006). Dentro desta moldura poética, buscaremos dá possíveis repostas, aos questionamentos que perfilharão os objetivos desta pesquisa. Para isto, levantamos as seguintes hipóteses: a primeira é a de que, a natureza é representada na obra como dinâmica, complexa e espontânea, tal representação refletirá diretamente na composição dos seus versos. Na segunda, observamos que a natureza não se apresenta como palco, cenário ou moldura, mas constitui-se como peça fundamental para a sustentação da obra poética. Na terceira hipótese consideraremos que, a ecocrítica propicia uma percepção ambiental profunda que pressupõe uma experiência estética do ser humano com a natureza, capaz de realocar as concepções de sujeito, imprimindo uma visão verdadeiramente transformadora, “que nos permitirá analisar e criticar o mundo em que vivemos” (GARRARD, 2006, p. 16). E por último, a quarta hipótese, nos remete a ideia de que é possível o exercício de uma “linguagem verde” na poética de Patativa do Assaré, já que “a poesia reconduz a linguagem [...] no seu estado primitivo, devolvendo-lhe o frescor e força originais, pois a reconduz à natureza” (DUFRENNE, 1969, p. 53). Contudo, vale salientar que estas hipóteses são apenas pré-soluções para os problemas mencionados, estando, pois, sujeitas a mudanças. O trabalho encontra-se fundamentado nas contribuições de Boff (2000, 2010), Capra (1996), Crema (1989), Dufrenne (1969), Garrard (2006), Unger (1991, 1992) entre outros, por estarem dentre de uma perspectiva que prioriza uma dimensão ecológica do ser. Ademais, constata-se a importância desta pesquisa, uma vez que estamos inseridos em um cenário de crise, “tal crise planetária, multidimensional em sua abrangência, pode ser traduzida como uma crise de fragmentação, atomização e desvinculação” (CREMA, 1989, p. 22), desse modo, é urgente a retomada de uma visão orgânica e integradora, que busque salvaguardar o planeta e garanta a co-evolução do ser. Assim, acredita-se que esta pesquisa contribuirá com um material teórico para a abrangência do estudo do tema, bem como, para uma melhor compreensão e disseminação de um novo *ethos*, que implante a consciência de que temos o mesmo destino e a mesma origem da Terra.

Palavras – chave: Natureza. Ecologia. Literatura. Ecocrítica. Poesia. Percepção.

O ESPAÇO VIVO: PERSPECTIVAS TOPOANALÍTICAS EM O CORTIÇO, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Priscilla Vicente Ferreira (PPGLI/UEPB)
(Orientadora: Geralda Medeiros Nóbrega)

Um dos objetivos principais das políticas públicas realizadas a partir de meados do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, foi a intervenção higienista contra cortiços, estalagens e casas de cômodos, tipos de moradia destinados, principalmente, à camada mais pobre da população: escravos libertos, livres e fugidos, imigrantes e trabalhadores assalariados. Contra surtos de febre amarela e péssimas condições de moradia, tal intervenção resultou na erradicação do maior cortiço da cidade, o Cabeça de Porco, que ocorreu em 26 de janeiro de 1893, pelo então prefeito e médico Cândido Barata Ribeiro, deixando, como afirmam jornais da época, quase quatrocentas pessoas desabrigadas. Foi este o cenário que serviu de base para que Aluísio Azevedo construísse o cortiço São Romão, espaço vivo e personagem principal de sua obra máxima, *O cortiço* (1890). Para a representação do espaço fluminense, Aluísio Azevedo lançou mão do método experimental naturalista, e, através da observação direta, reproduziu a engrenagem de uma habitação coletiva, bem como a coexistência de seus moradores e espaços adjacentes. Objetivou-se realizar o levantamento e a análise da topografia literária de *O cortiço* com base em teorias topoanalíticas, literárias e geográficas. A segmentação da topografia literária é feita a partir da análise de macroespaços: cidade do Rio de Janeiro, bairro de Botafogo, ruas e praias; microespaços: cortiço, taverna, pedreira, sobrado e suas disposições; e fronteiras espaciais. Para tanto, o *corpus* foi submetido a uma análise de conteúdo, realizada através do *software* ALCESTE, ferramenta que analisa dados textuais, como elementos textuais de entrevistas, jornais, revistas, músicas e obras literárias. O ALCESTE apóia-se em cálculos efetuados sobre a co-ocorrência de palavras em seguimentos de texto, buscando reuni-las em classes de acordo com sua semelhança e dessemelhança. Os resultados obtidos com a análise de conteúdo indicam a existência de cinco classes: (1) Os conflitos interpessoais do cortiço; (2) Rita Baiana e Jerônimo: seu entorno espacial e interpessoal; (3) João Romão e Miranda: seu entorno espacial e interpessoal; (4) O dia-a-dia do cortiço (taverna e pedreira); e (5) Sexualidade e agressão. Cada classe, por sua vez, indica um contexto específico, e é constituída de vocábulos e seguimentos de texto. Às descrições de cada classe são adicionadas discussões sobre a topoanálise literária, uma vez que grande parte dos resultados versa exatamente sobre a caracterização espacial do cortiço e seus espaços adjacentes, bem como reflete o próprio naturalismo: a relação entre classes, representando a formação sociocultural do Rio de Janeiro, e a construção de identidades através do meio onde vivem. Uma característica observada é a transformação do espaço pelas personagens. Assim, o conceito determinista, próprio da escola naturalista, acerca da influência do meio sobre as personagens pode ser questionado, visto que a mudança espacial ocorrida se dá pela vivência comum dos indivíduos. O espaço cria vida através da existência de cada morador, por isso é comum encontrar, no *corpus*, referências que denotem um espaço personificado, principalmente no que diz respeito ao cortiço. Atualmente, o trabalho de dissertação encontra-se em fase de discussão

dos resultados, com base na revisão da literatura. Ainda que seja prematuro, destaca-se o esforço em estruturar a dissertação em sua primeira versão, tanto no tocante aos capítulos teórico-metodológicos quanto à discussão e às considerações finais, levando-se em conta as limitações deste estudo e possibilidades de estudos futuros.

Palavras-chave: Cortiço. Espaço. Topoanálise. Análise de conteúdo.
ALCESTE.

MACUNAÍMA E A ANTROPOFAGIA OSWALDIANA: DEFINIÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

José Antônio de Souza Júnior (PPGLI/UEPB)
(Orientadora: Francisca Zuleide Duarte)

Um dos temas mais discutidos na literatura brasileira é a identidade nacional, que ocupa os debates literários e culturais, sobretudo, em dois momentos essenciais. O primeiro corresponde ao nacionalismo literário no século XIX, influenciado, diretamente, pelo romantismo brasileiro, já o segundo está relacionado à definição de uma identidade literária e cultural brasileiras, no início do século XX. No primeiro momento, fica claro que essa busca pela identidade nacional surgiu inicialmente em oposição à influência europeia, ou seja, no século XIX, a partir do romantismo literário, buscou-se negar qualquer influência externa sobre a cultura brasileira, através da incessante valorização das raízes nacionais ou da cor local, nesse sentido, o indianismo torna-se imprescindível, na medida em que essa corrente política, literária e ideológica ao valorizar o indígena defende uma teoria, segundo a qual a formação étnica brasileira dar-se a partir da união entre o índio e o branco europeu, como pode ser observado na obra alencariana, *Iracema*. O segundo momento, correspondente à identidade nacional, no período referente ao modernismo literário brasileiro. Nesse período, observa-se que o nacionalismo literário, sobretudo, a partir da antropofagia oswaldiana dá-se de maneira peculiar, uma vez que não busca mais, como no século XIX, se opor a qualquer influência, e sim, busca-se, através das técnicas propostas pela antropofagia, estabelecer a deglutição e posterior transformação de toda influência cultural externa em matéria-prima para a busca da identidade cultural brasileira. Além disso, nesse segundo momento de definição da identidade nacional, observa-se que a formação étnica nacional é fruto não da união de dois elementos raciais, como ocorreu no século XIX, mas sim, a partir de três elementos, o branco, o índio e o negro, como pode ser observado, com maior precisão, a partir da obra máxima de Mário de Andrade, *Macunaíma*. Essa rapsódia, do maior intelectual modernista brasileiro, por sua vez, representa um viés ideológico, proposto no início do século XX, que se contrapõe diretamente ao programa Regionalista liderado por Gilberto Freyre. Diante desse contexto, propõe-se, inicialmente, nessa pesquisa, realizar uma análise da rapsódia *Macunaíma*, obra referencial

da primeira fase do Modernismo Literário Brasileiro, com o objetivo de enfatizar o processo de descoberta e construção da identidade nacional, assim como, investigar as principais aproximações e diferenças entre os dois projetos literários: o do século XIX e o do século XX.

Palavras-chave: literatura, nacionalismo literário, identidade nacional, identidade cultural.

IDENTIDADE NEGRA NA POESIA MODERNISTA DE LINO PINTO GUEDES E BRUNO DE MENEZES

Severina Faustino Dos Santos (PPGLI/UEPB)
(Orientadora: Rosilda Alves Bezerra)

A identidade negra a qual discutiremos é a que Homi Bhabha (1998) define como fruto da “identidade coletiva”. Nela, o crítico aponta uma leitura da identidade racial que permite privilegiar o olhar do colonizado, para poder questionar a visão do colonizador. Para o crítico a “diversidade cultural” deve ser combatida, pois a “diferença cultural” assinala melhor o lugar das diversas identidades, pois atinge “uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única” (BHABHA, 1998, p. 63). Nesse sentido, as diferenças étnicas culturais do negro brasileiro foram suprimidas e ignoradas pela cultura dominante e enquadrada em um lugar único, a inferiorização. Mas o mito da democracia racial criado para apagar os reflexos da escravidão contribuiu para desconstrução da imagem negativa, com relação ao negro na sociedade brasileira. No caso das produções artísticas, a literatura produzida pelos negros não se diferencia dos problemas sociais enfrentados por esta população, em uma sociedade que tem como padrão os valores culturais brancos. O resultado do preconceito com a literatura negra se traduz na quase ausência de uma história ou mesmo de um *corpus* estabelecido. Só a partir da década de 80, com a demanda oriunda do movimento negro e da criação da fundação Quilombhoje, houve o nascimento de uma escrita dos afrobrasileiros, mas ainda existe muita discordância entre os estudiosos dessa temática com relação ao conceito e a taxonomia. Sendo assim, propomos analisar a identidade do negro na poesia de Lino Pinto Guedes, poeta paulista e Bruno de Menezes, poeta paraense, que escreveram suas obras em pleno movimento Modernista, porém continuam fora do projeto idealizado pelos modernistas paulistas. Nesse sentido, investigaremos por que o Modernismo tinha como principal objetivo valorizar a cultura nacional, mas as obras dos referidos poetas continuam desconhecidas dos leitores brasileiros; discutir o conceito de Literatura Negra percebendo como ocorrem as discordâncias entre os estudiosos no que diz respeito a essa literatura. O *corpus* do trabalho é composto pelas publicações: *Batuque* (1993), de Bruno Menezes (1938) e *Urucungo* (1936) de Lino Pinto Guedes. Para obter os objetivos propostos optamos pelos estudos voltados para contextualização social, histórica e cultural, apoiados nas teorias de (BHABHA, 1998), (BARROS,

2009), (HALL, 2002), (SAID, 1995), (FANON, 2010), (MUNANGA, 2009), que fundamentam as questões de identidade. (KOTHE, 2004), (SODRÉ, 2002), (BOSI, 2006), (CANDIDO, 2000), (COUTINHO, 2004), no que concerne aos estudos sobre o Modernismo brasileiro. (DUARTE, 2008) e (CUTI, 2010), para compreendermos a discussão atual sobre a literatura negra brasileira. (PAZ, 2009) e (ELIOT, 2007) para fundamentar nas análises dos poemas e nos ajudar a entender como ocorre o processo de denúncia social e resistência no modo de representação do negro perante os aspectos políticos e sociais na poesia dos poetas modernistas.

Palavras-chave: identidade negra, Modernismo, Lino Pinto Guedes, Bruno de Menezes.

IDENTIDADE, MEMÓRIA E ALTERIDADE NOS ROMANCES DE MIA COUTO: O OUTRO PÉ DA SEREIA E ANTES DE NASCER O MUNDO

João Batista Teixeira (UEPB/PPGLI)
(Orientadora: Rosilda Alves Bezerra)

Investigaremos nesse trabalho os processos de identidade e alteridade que ocorrem nas personagens das obras *O outro pé da sereia* (2006) e *Antes de nascer o mundo* (2009), de Mia Couto, além da memória e o esquecimento nas travessias em que esses mesmos personagens retratam o cotidiano de Moçambique, das vilas, aldeias e cidades. A alteridade e a cultura em que esses textos se inscrevem apontam para a diferença, que constituem a vida social que é fonte permanente de tensão e conflito. Com base nessas orientações, encaminhamos as análises nas obras referidas discutindo tais posicionamentos a partir da teoria pós-colonial com os estudos de Bonnic (2000); Hall (2006) e Bhabha (2003) sobre identidade cultural e diáspora; Canclini (2007) e Ortiz (2000), em questões como globalização e mundialização. No que diz respeito às questões de alteridade e poética da relação, Glissant (2005) enfatiza o fato do homem não conseguir conduzir o mundo e, por isso, ser instintivamente levado a se conceber no mundo com os outros, no mesmo nível que os outros, o que para o autor, significa uma das primeiras condições da poética da relação. Na memória associamos nossas discussões à Le Goff (1996), Seligman (2003) e Ecléa Bosi (1994), e nos autores que discutem as literaturas africanas de língua portuguesa: Afonso (2004), Abdala Júnior (2003) Tânia Macedo (2007) Rita Chaves (2008), Bezerra (2007), Duarte (2010), entre outros. Tais estudiosos dialogarão com as análises feitas com foco na literatura africana de língua portuguesa, em especial caso na ficção moçambicana de Mia Couto. A problemática que se inscreve esse trabalho, discute questões como: identidade e alteridade nas personagens de *O outro pé da sereia*, em especial caso na personagem Mwadia Malunga, de como esta se relaciona num contexto pós-colonial na sua comunidade Antigamente e Vila Longe com os seus conhecidos e os que transitam o seu território. Voltamos-nos também às questões de memória e esquecimento em *Antes de nascer o mundo* (2009), focando as análises na relação entre pai e filho: Silvestre Vitalício, o pai e Mwanito o filho,

como ambos convivem em um território denominado Jesusalém, onde o líder tenta se livrar do passado, mais precisamente, da lembrança que o mundo real lhe traz – a morte de Dordalma, mãe de seus filhos, e a tentativa de apagar o passado é também uma fuga da guerra que, durante 16 anos fez quase 1 milhão de mortos em Moçambique. Entendemos a literatura de Mia Couto como um texto que dilata fronteiras políticas e culturais à medida que apresenta personagens em trocas e negociações identitárias, sabendo da importância da literatura como ficção e registro dos interstícios da história e da humanidade. Dessa forma, contribui-se para a compreensão do sociocultural moçambicano e também de um mundo que se inscreve a cada dia em um contexto pós-colonial e mundializante. O leitor experimenta o estranhamento provocado pela reelaboração da linguagem efetuada na ficção de Mia Couto à adesão a sua poética literária, processo análogo ao que propõe e efetua Glissant (2005) como princípio de suas poéticas.

Palavras-chave: Identidade. Alteridade. Memória. Literatura Africana. Mia Couto.

RESUMOS DOS PROJETOS DE DOUTORADO

POESIA E CIÊNCIA EM 3 MOMENTOS DECISIVOS: MELETO, ANCHIETA E A POESIA SONORA

Antonio de Brito Freire
(Orientador: Luciano Barbosa Justino)

Durante muito tempo houve inúmeras tentativas de se colocar a ciência e a poesia uma contra a outra sem considerar a transversalidade entre ambas. Segundo Paul Zumthor (1995, p.59), no século XIII, em 1275, na França, em prol do pragmatismo de uma ciência moderna nascente, se “*classificava muito baixa na escala social aqueles que se metiam na poesia*”. Mesmo assim, “*grandes personagens não hesitavam, cantando seus próprios versos, em colocar-se no nível da gentilha*”. Esquece-se que tal separação, conforme demonstra Willie Sypher, é recente uma vez que para este autor o conceito de ciência dialoga com o de poesia na modernidade. Em sociedades que primaram pela racionalidade como princípio definidor da conduta e da relação com o real, como as modernas sociedades ocidentais, a poesia sempre foi subestimada como excessivamente sensualista, individualista e mitificadora. Alfredo Bosi percebeu isso ao afirmar que “*tudo pode ser contemporâneo deste século, menos a poesia*”. Contudo, vanguardas modernistas como o construtivismo, o cubismo e o concretismo mantiveram um diálogo constante entre poesia e ciência. O estabelecimento deste diálogo implicou um duplo movimento: por um lado, um questionamento da própria ciência moderna e sua cientificidade

dura; por outro, uma influência dos princípios teórico-metodológicos desta mesma cientificidade na teoria e na crítica literária. Isso posto, será preciso reconstruir duas histórias: uma história tanto da poesia quanto da ciência e uma outra da relação entre ambas, no mais das vezes marginalizando-se a poesia. Nossa hipótese sinaliza que ambas são doadoras de sentidos, mas historicamente postas em lugares diversos e opostos ocupando espaços diferentes na distribuição legítima do capital cultural (Cf. BOURDIEU). O conflito entre ambas se dá porque o nascimento do homem moderno não pode ser pensado longe do nascimento do capitalismo e da institucionalização da poesia pelo romantismo e pelos conceitos centrais de indivíduo e de gênio nele, opostos aos pressupostos herdados do iluminismo, naquele momento de fato dominantes (Cf. JAMESON). Hoje, tal dicotomia é impensável, pois ciência e poesia se aliam na busca de um *ethos* que consiga dar conta da pluralidade dos modos de vida sob este mesmo capitalismo. Mas, não terá sido sempre? Pretende-se pesquisar nesta relação 3 momentos decisivos, que significam 3 mídiasferas (Cf. DEBRAY), a saber: 1) na Grécia de 399 a. C., no contexto da academia platônica, em particular no livro em que aparece o “personagem” Meleto, “poeta” que denuncia Sócrates, e é alvo central da ira de Platão na “apologia de Sócrates”, ponto de partida da pesquisa, e que posteriormente esta ira se estende à categoria dos poetas na *República*, onde através dos livros III e X desfere um dos maiores ataques ao poeta e a sua arte. À apologia platônica acrescentaremos a apologia de Xenofontes na qual o mesmo protagonista, o Meleto, também aparece de forma ridícula e desgastante. Para este momento, o conceito de Ser-evento em Bakhtin e os textos *O encontro dos tempos* e *Poesia resistência* de Alfredo Bosi serão fundamentais. 2) No Brasil, retomando as palavras de Sílvio Romero que afirma que “*devido a exigüidade do tempo e pelas preocupações materiais, que absorviam toda a vitalidade dos brasileiros de então, é que não tivemos naquele século uma só produção literária, que mereça ser lembrada, além das de Anchieta*”. Anchieta, numa tarde perto do final do século XVI, escreveu seu famoso poema à virgem quando esteve preso entre os índios Tupinambás. Anchieta é o imigrante da/para a escrita, está no entre, a voz e o livro. Literalmente entre o índio e o ocidente, entre a institucionalização da escrita como ferramenta da razão (Cf. BOUGNOUX), inclusive a científica, e “a velha poesia da voz” que tanto ele quanto os tupinambás respiravam. Anchieta é aqui um “personagem” como o Meleto é no primeiro momento de nossa pesquisa. Para este segundo momento da pesquisa, o conceito de *grama* e rastro em Derrida e, no contexto do pós-colonialismo, o conceito de subalterno em Spivak serão princípios teórico-metodológicos importantes. 3) O terceiro momento decisivo é o da poesia sonora. Nela mantém-se, agora mais diretamente, a relação entre poesia e ciência. Se de um lado, as pesquisas em tecnologias do som levaram os poetas a recusarem a escrita e o lingüístico no poema, pelo outro recolocaram a voz como fonte de expressão básica de seus poemas. Para tanto partiremos dos textos *E a literatura? O caso do romance, A ilusão literária e A permanência da voz* de Paul Zumthor e do conceito de experimentalismo poético na contemporaneidade de Philadelpho Menezes, na medida em que apontam para o diálogo entre ciência e poesia na pós-modernidade na sinalização para a transversalidade entre os saberes que circundam a vida das sociedades.

EDIFÍCIOS HEGEMÔNICOS E INVERSÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA EM MARCELINO FREIRE

Auríbio Farias (PPGLI-UEPB)
(Orientador: Eli Brandão da Silva)

A pesquisa a que nos propomos intenta mostrar como a literatura reflete, refrata e problematiza a cidade contemporânea: ela se estrutura a partir das narrativas paradigmáticas de Marcelino Freire, escritor pernambucano de Serra Talhada, radicado em São Paulo, e se desenvolverá em torno das obras *Angu de Sangue* (2000), *Balé Ralé* (2003), *Contos negreiros* (2005) e *Rasif: mar que arreventa* (2008). Vários contos desses livros, criados com personagens caracterizados como das chamadas minorias, repetem o que poderíamos chamar de intriga-matriz, para dar voz a possíveis descendentes de grupos socioculturais quase dizimados pelos diversos tipos de barbáries, os quais além de digladiarem com poderes e discursos hegemônicos, também apontam com suas ações, possibilidades de novas cidades e novos mundos serem reorganizados. Esses personagens nos encantam e nos inquietam, pois conseguem inverter uma lógica discursiva homogeneizadora de identidades individuais e coletivas e sugerem uma ética de dentro pra fora, que os faz se apropriarem das capacidades de sentir, de falar, de pensar e de agir, pois, ao que parece, tais capacidades não pertencem a nenhuma classe ou grupo em particular, mas, sim, pertencem a todos. De modo mais específico, a investigação se apoiará nos Estudos Culturais, cuja relevância se faz perceptível, além de tantos outros fatores, por “revelar a contemporaneidade de maneira desmistificadora e deshierarquizada e estabelecer uma política da diferença que [...] garanta voz a sujeitos que anteriormente não tiveram direito a voz” (Prysthon, 2004, p. 6). A obra de Marcelino Freire tem dado voz a vários personagens urbanos e integrantes das chamadas minorias. Quando falamos de minorias, nos referimos mais especificamente aos grupos excluídos de sociedades complexas que buscam igualdade de direitos e de oportunidades e que desejam ser reconhecidos em suas diferenças. Outro aspecto relevante que justifica essa investigação é a ausência de estudos aprofundados voltados para a cidade e seus excluídos na literatura contemporânea de autores ainda vivos. Também essa pesquisa se constitui reflexão sobre as trocas simbólicas e os mecanismos de controle sociais que conforme Melucci (2001, p. 80) têm se deslocado dos recursos naturais – organizados para produção na fábrica – para controle de informações, de símbolos e de relações sociais. Mercado hoje é visto como intercambiação de símbolos. Isso inclui identidades e valores culturais. Esse projeto levará a termo uma reflexão contundente sobre a relação cidade contemporânea e exclusão e pode contribuir muito para uma melhor percepção dos aspectos que homogeneizam e diversificam os personagens da cidade contemporânea. A problemática que acabamos de levantar pode ser apresentada através da seguinte formulação: como a literatura reflete, refrata e problematiza a cidade contemporânea e em Marcelino Freire se estrutura como caso paradigmático e crítico? **OBJETIVOS E HIPÓTESES:** Buscaremos discutir os principais temas objetos de conflitos na obra de Marcelino Freire que sugerimos serem exclusão e minorização. A sua obra traz sempre personagens em situações conflituosas nas quais lutam por afirmar identidades individuais e

coletivas digladiando-se com discursos hegemônicos, totalizantes, homogeneizadores. Tais embates apontam para a desconstrução, demolição desses discursos, como também para reinvenção ou reconstrução de novas relações na cidade contemporânea, pondo a descoberto certa ética, que parece ser libertadora, da alteridade, da solidariedade, da cidadania. Outro objetivo dessa investigação é analisar os elementos constituintes da narrativa de Marcelino Freire, narrador, personagens, estruturas narrativas, ambientação, temporalização do relato e da trama. Com isso esperamos ter mais clareza das imagens da cidade contemporânea em sua obra, das trocas simbólicas contidas nas relações sociais representadas, das lutas por reconhecimento por parte dos personagens, do lugar da obra de Freire na literatura contemporânea. As vozes narrativas de seus contos, conforme João Alexandre Barbosa (FREIRE, 2005) “são, quase em sua totalidade, vozes de personagens que são restos (no sentido literal e no figurado) da experiência rural, estilizados pela forçada adaptação ao universo, também ele, estilizado e violento da experiência urbana”. Não estariam essas narrativas apontando para uma escrita comprometida com a criação de uma realidade atestada, que quer registrar para a memória, para que o presente não se perca? Não estariam essas narrativas apontando para uma escrita como luta, como proposta de convivência sem maniqueísmos, conforme Said (2007)? **PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS:** Esse projeto de tese se concretizará em três capítulos de, aproximadamente, 50 páginas onde o primeiro fará um percurso entre a cidade moderna e a cidade contemporânea; o segundo discutirá a cidade contemporânea como espaço de exclusão e minorização gerador de conflitos entre grupos socioculturais; e o terceiro analisará os elementos constituintes da narrativa de Marcelino Freire e como a sua literatura se inscreve em uma discussão social e política da cidade contemporânea. **Exclusão, minorização e conflitos:** Se antes a desigualdade sócio-econômica promovida pela exploração, a marginalização e a pobreza se constituíam em formas de controle social, na sociedade contemporânea a injustiça primordial além de sócio-econômica é também simbólica. Essa injustiça simbólica se caracteriza pela hostilidade, pela invisibilidade social e pelo desrespeito. Tal acontece em virtude da associação de interpretações ou estereótipos sociais que se reproduzem na vida cotidiana ou institucional. Para Lúcia Castro (2004) “A visibilidade parece ter se tornado uma das formas mais importantes de obter reconhecimento no contemporâneo das cidades”. Essa busca causa angústia diante da possibilidade de uma invisibilidade radical. Entretanto, prossegue ela: “paradoxalmente, aprendemos, como sujeitos urbanos, a tornar os outros invisíveis, assim como nos tornar invisíveis para o outro”. Axel Honneth (2003) entende serem três as formas de desrespeito. Identificadas, ele procura medir seus efeitos e pensa em formas de combatê-las. A primeira é a tortura. Nela o indivíduo perde a autonomia sobre o corpo e o efeito é a destruição da autoconfiança na relação prática do indivíduo. A segunda se dá na esfera do direito. O indivíduo é ferido na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito de igual valor. Isso abala o valor do auto-respeito, é uma ofensa social, questiona a estima social do indivíduo. Este perde a capacidade de se entender como um ser estimado por suas características e propriedades. Honneth prossegue mostrando que nas ações motivadas para o sucesso o fracasso pode advir por resistências imprevistas no campo das tarefas a serem cumpridas e pela violação das normas

morais, e isto leva as pessoas à indignação. Também os sentimentos de vergonha e desprezo possuem um potencial para desencadear lutas por reconhecimento, contudo, isso irá depender da esfera social à qual os indivíduos estão envolvidos. A condição necessária para que o privado se torne público é que seja possível uma generalização. O surgimento dos movimentos sociais depende de uma semântica coletiva, isto é, de que a ofensa que sinto ressoe da mesma forma ou de forma parecida para outros sujeitos. Para Melucci (2001), os movimentos sociais na contemporaneidade são redes submersas de grupos muito distantes da imagem do ator coletivo politicamente organizado. Cada célula dessa rede vive sua vida própria. Em caso de mobilização coletiva essa rede latente ascende à superfície, para depois voltar ao seu cotidiano. A ação coletiva está ligada, assim, às necessidades individuais. Além disso, o sociólogo afirma que o presente tem valor inestimável nas sociedades pós-industriais. Os movimentos contemporâneos acentuam o caráter de mudança hoje, tornar o possível presente, não ter esperança, não esperar o futuro.

ESCRITA-LUGAR: IDENTIDADES E TERRITÓRIOS DE ALTERIDADES EM WILL EISNER, FERRÉZ E PAULO LINS

Carlos Alberto de Negreiro (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Sebastien Joachim)

Os romances brasileiros *Cidade de Deus* (1997) e *Capão Pecado* (2000) tomam como *leitmotiv* o de apresentar um lugar específico da cidade, uma outra voz-lugar – a periferia – aqui denominamos “não-cidade”, dentro do ponto de vista do ideário do “centro”, que seria o discurso oficial e das classes abastadas. Paulo Lins e Ferréz são autores que utilizam o princípio de um realismo na narrativa, tecendo em seus textos um misto de testemunho, ficção e engajamento. Esses escritores construíram uma “literatura” que expressa uma “voz marginal” (CERTEAU, 2008); palavras que dizem uma “prosa do mundo” diferente do “centro”, um mundo peculiar onde se inscreve o que viam e sentiam do universo ao seu redor. Em *A força da vida* (2007), Eisner examina e demonstra um texto que desenho e verbo quase se confundem, o traço característico de cartum, deixando as figuras humanas e os espaços levemente realista, um quase “desenho-crônica”. A cidade é incorporada e é devolvida em traços que por vezes partem de um panorâmico – mostrando o esplendor da paisagem urbana da periferia, de um bairro pobre e de trabalhadores de baixos salários; até desenhos metonímicos, destacando detalhes de uma tampa de bueiro, por exemplo. Os becos e esquinas, prédios velhos e decadentes, com seus respectivos personagens e transeuntes, são apresentados num tal ritmo, que espaço e pessoas são tão interdependentes formando um único cenário. O universo em comum, dessas obras, é a “periferia” – um lugar onde se faz por um princípio: a narrativa, ou seja, contam-se narrativas do lugar para se contar as narrativas dos sujeitos, aqui denominamos esse processo escrita-lugar. O narrar é uma forma de nos conhecer, de acessarmos o mundo por meio da experiência

de vida (BENJAMIM,1993; RICOUER, 1991), logo quando falamos, fala-se de uma posição, de um local. O cotidiano impõe uma urgência como os referenciais da concretude e de suas próprias realidades. Se o “presente é um momento de perigo” (BENJAMIN, 1995), nós nos confrontamos nele, ele nos transtorna. Este perigo se constitui no “elo de ligação” com o passado, que é narrado para se constituir como um registro daquilo, que para entender o “agora”, já “foi”. Esse jogo de tempos, mais precisamente de temporalidades estabelece a posição de quem ao falar possa parecer uma necessidade de impor sua existência, pois só posso existir se me narro. Referências do mundo dos homens perfazem a organização do “orbe”, formado pelo que é narrado. Esse mundo é uma consequência do ato de narrar (RICOUER, 2010, 1991), cria-se um mundo, esse mundo é justamente o que proporciona o caráter “substantivo”, ou melhor, os processos de subjetivação daqueles que povoam os lugares e se contam na escrita-lugar. A escrita-lugar seria aquilo que cria uma proposição de mundo – transtornado, de mundo modificado, aquilo que é escrito se dá escrita, porém incide sobre o processo de constituição desse sujeito. Assim, o texto é lugar do conflito, pois se existe diante do texto, no movimento que já é o da leitura, o sujeito ao se narrar, lê-se, não existe além-texto ou por-trás do texto, mas diante do texto – este é o confronto (RICOUER, 1988). Refletir sobre a obra é um trabalho que se debruça sobre si, “(...) aquele que lê a obra, ao ler se torna, segundo palavras de Proust, leitor de si mesmo.” (RICOUER, 1988, p. 75). A escrita-lugar como forma de configurar a experiência temporal humana projetando-a em um presente da leitura, como se pode notar “... o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.” (RICOEUR, 2010, V.1, p.11). Esta inaugura um campo de significações mediatizador do mundo vivido e do mundo do texto, constituindo um território das subjetividades e das temporalidades implicadas no presente da leitura. O próprio lugar que se torna personagem. Um imbricamento entreo sujeito e o espaço, este tornando-se lugar pela escrita, ou melhor, uma escrita-lugar do sujeitos, que se subjetivam justamente pelo ato de narrar-se, esse ato torna-se uma forma de resistência dessas subjetividades dentro do espaço urbano periférico, pois esta é a experiência do sujeito: “No mundão eu não sou ninguém, mas no Capão Redondo eu tenho meu lugar garantido, moro mano?” (CP, p.24). A escrita como exercício pessoal – “escrever é se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2005, vol. V, p.156). O texto é o espaço das alteridades, e elas se constituem pelo movimento narrativo-ontológico, processo de subjetivações que apontam como tentativas de resistências a uma ordem de poder excludente e aniquilador de vozes dos sujeitos que se querem fazer existir. Discutir essas noções de subjetividades é o que se pretende aqui, a partir da leitura dessas obras de Eisner, Ferréz e Paulo Lins, pois elas expressam as vozes de sujeitos que constroem a escritura. Nesse contexto, problematizemos como as narrativas desses lugares constroem as identidades desses sujeitos? Quem e o que determina a identidade? Esses lugares narrados configuram e instituem essas identidades? Território de alteridades é aquele constituído das narrativas que assumem um caráter ontológico de subjetivação, pois sem o sujeito como haver o outro? Por que as pessoas só se encontrariam no texto, na escritura se não fosse pelo narrar a sua

história. O texto é a configuração do mundo, e o leitor (com sua leitura) reconfigura esse mundo. O próprio personagem ao se narrar, faz a leitura de si.

AS FRONTEIRAS DOS SENTIDOS NOS ENUNCIADOS PROVERBIAIS EM A PEDRA DO REINO DE ARIANO SUASSUNA

Maria Divanira de Lima Arcoverde (PPGLI/ UEPB)
(Orientadora: Geralda Medeiros Nóbrega)

A dinamicidade do universo de cultura se dimensiona como um grande diálogo, cujas vozes sociais vivem numa intricada cadeia responsiva, historicamente constituída, tornando possível uma diversidade de produção literária e confirmando que “a literatura é uma parte inalienável da cultura” (BAKHTIN, 1997, p. 362). Essa articulação evoca uma série de conexões na história da humanidade e provoca, com toda sua complexidade, produções literárias múltiplas, uma vez que “a humanidade contemporânea fala por meio de muitas vozes e sabemos que continuará a fazer isso por um longo tempo” (BAUMAN, 2008, p. 123). Podemos argumentar, assim, que uma obra literária pode ser considerada como uma imensa produção discursiva, histórica e cultural, que se insere na “grande temporalidade”. Trata-se, portanto, de uma revelação de entrelaçamentos que se instituem pela diversidade de vozes que penetra a obra literária pela ideologia e pelas coerções sociais, pois “os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais.” (EAGLETON, 2003, p. 22). Além disso, como afirma Bakhtin (1998), os discursos são um diálogo vivo e, uma vez orientados sempre para um “discurso-resposta” futuro, se constituem na esfera do “já dito” e pelo que “ainda não foi dito”. Por essa razão, os discursos literários, dialogizando socialmente a linguagem, são produzidos a partir dos fios ideológicos que os tecem e pela infinidade de relações dialógicas em que estão inseridos os interlocutores, o objeto de seu discurso e seu contexto de enunciação numa determinada esfera discursiva. É nesse horizonte teórico que circunscrevemos como objeto de investigação os sentidos nos enunciados proverbiais na obra *A Pedra do Reino de Ariano Suassuna*, tendo em vista que “a construção de sentido de todo discurso é, por definição, inacabável” (AMORIM, 2001, p. 19). Sob esse enfoque, nosso olhar se debruça sobre Ariano, literato que mescla o espontâneo e o elaborado, o popular e o erudito, fundindo em sua obra as vozes do rural e do folclore paraibano. Nesse enraizamento telúrico, procuramos encontrar a profundidade do discurso Arianiano, o que nos leva, ainda, a refletir sobre o modo como Ariano elucida a história e a cultura de um povo. Com efeito, Ariano parece usar o provérbio, historicamente e ideologicamente instituídos, para desvelar a multiplicidade de sentidos nas diversas manifestações culturais da linguagem. Considerando esses postulados, algumas questões são pertinentes em relação aos enunciados proverbiais em *A Pedra do Reino*: a) Quais os sentidos provocados nos enunciados proverbiais? b) Quais os processos de construção dos enunciados proverbiais que podem auxiliar no desvendamento dos sentidos que eles provocam? c) De que forma se inscreve o pluringuismo nesses enunciados? Desses questionamentos decorrem

reflexões no modo de abordar o nosso objeto de investigação, à medida que nos interessa colocar conflitos pertinentes e os enfrentar, talvez porque, como enuncia Perrone-Moisés (1998, p. 13), “o que leva a literatura a prosseguir sua história não são as leituras anônimas e tácitas (que têm um efeito inverificável e uma influência duvidosa, em termos estéticos), mas as leituras ativas daqueles que a prolongarão, por escrito, em novas obras”. Assim, no dizer de Rocha (1995, p. 16), os provérbios constituem “marcas de sua atualização possível, em função da hipótese de que eles constituem fragmentos de discurso em instância de uso, sempre atualizáveis, e de que esse estatuto deixa sinais na sua estrutura”. A autora reconhece a importância dos estudos que têm categorizado estruturalmente os provérbios e as contribuições dadas à inteligibilidade do cenário cultural das sociedades, entretanto, acrescenta que por ser o provérbio considerado um discurso, é preciso vê-lo como tal, abordando-o sob o ângulo de seus usuários. Nesse sentido, cumpre destacar as reflexões teóricas sobre os enunciados proverbiais pelo viés dos estudos discursivos, que ensejam outra abordagem e, mais prontamente, podem promover uma leitura crítica e dialógica da “pluralidade social e cultural” que permeia esses enunciados. Nessa perspectiva, essa abordagem leva em conta, além das questões de ordem sócio-cultural, questões interculturais e ideológicas, pois “o diálogo intertextual e mesmo intratextual possibilita o dimensionamento da relação do discurso produzido/memória discursiva, no sentido de delimitar com clareza o que lhe é exterior” (BRAIT, 1996, p. 119). Estas reflexões incorporam, neste estudo, o aspecto do plurilinguismo a ser analisado e inscreve os enunciados proverbiais como um fenômeno plurilinguístico na obra literária de Ariano, que no dizer bakhtiniano, “seria possível dizer aquilo que não pode se pode dizer em sua própria língua, mas sim com os direitos de coisa representada” (BAKHTIN, 1998, p. 95). O enunciado proverbial parece, então, ser o elo que estabelece a subversão do sentido na obra literária, tendo em vista que esse enunciado se instaura no texto como uma “palavra que quer ser ouvida, compreendida, respondida (...) entrando num diálogo em que o sentido não tem fim” (BAKHTIN, 1997, p. 357). A assertiva de que “nenhuma palavra é a última” nos incita a buscar respostas sobre o nosso objeto de estudo que se constitui no cenário literário. Para tanto, temos como objetivo central compreender os sentidos nos enunciados proverbiais na obra *A Pedra do Reino*, no intuito de desvelar os entrelaçamentos dialógicos e ideológicos de um fenômeno plurilinguístico de múltiplas manifestações culturais e literárias. Como objetivos específicos, buscaremos: a) Identificar a incidência dos enunciados proverbiais no Romance *A Pedra do Reino*; b) Examinar como funcionam discursivamente os enunciados proverbiais no contexto da obra analisada; c) Avaliar os processos de construção que estabelecem os sentidos do discurso Arianiano; d) Explorar e discutir os sentidos nos enunciados proverbiais em *A Pedra do Reino*. Assim, a nossa hipótese principal é que em torno desse representativo enunciado da literatura popular, possamos entender os sentidos desses enunciados, permeados nas e pelas representações coletivas e individuais, no dizer de uma cultura, nas tensões e conflitos, atitudes e valores, palavras autoritárias, forças sociais de uma linguagem, as linguagens plurílingues e as ambivalências existentes na multiplicidade de vozes. Para tanto, nortearemos nosso estudo pelo paradigma da pesquisa qualitativa, levando em conta seu caráter interpretativista e condições de “aprofundamento no mundo dos

significados” (MINAYO, 2009, p. 22). Investiremos, portanto, num exaustivo trabalho em *A Pedra do Reino*, considerando três momentos distintos, embora não excludentes: a) Leitura sem propósito; b) Leitura indiciária; c) Análise. Tentaremos, nesse percurso metodológico, explicitar os índices que possam fundamentar a organização das categorias de análise, assim delineadas: os temas dos enunciados proverbiais; as vozes sociais que participam e atualizam os sentidos; as forças sociais da linguagem que ampliam e aprofundam esses sentidos; as relações dialógicas que permeiam os sentidos e, enfim, os hibridismos que configuram os sentidos na linguagem do romance em foco.

Palavras-chave: Literatura e interculturalidade. Sentidos de enunciados proverbiais. O plurilinguismo. Vozes e forças sociais.

REAL SUVERTIDO: TRADUÇÃO MEFISTOFÁUSTICA, CANIBALISMO CULTURAL E REPLICAGEM VISUAL DA CULTURA LITERÁRIA NA PERSONAGEM-SIGNO *PERÈ UBU*

Nivaldo Rodrigues da Silva Filho (PPLI/UEPB)
(Orientadora: Sudha Swarnakar)

Este trabalho pretende focar as replicações sígnicas e tradutoras da personagem *Pére Ubu* da obra *Ubu Roi* (1896), de Alfred Jarry, que é considerada, dentro da tradição teatral um divisor de águas que emblematicamente faz nascer o teatro moderno a partir da ruptura no âmbito da estética teatral, tanto na dramaturgia quanto da encenação, sendo considerada a obra percussora das vanguardas (surrealista, dadaísmo e do absurdo). Desde sua estréia, a obra e seu personagem correlato são geradores e sinônimos de controvérsias e não aceitação, em cujo cerne estaciona-se na secular discussão entre a *tradição* e *tradução*. Estruturada a partir da paródia e da farsa, a peça tematiza, a priori, o ideário do duplo e da dessacralização da tradição teatral, literária e cultural, o que a faz recíproca do projeto artaudiano (o teatro e seu duplo). Afora o pequeno grupo de surrealistas que a viram nascer sob a blasfêmica expressão: “Merdre!”, seus contemporâneos, foram em sua maioria observadores incrédulos e insatisfeitos à derrocada da tradição e do cânone, no âmbito da arte, da cultura, da literatura e do teatro. Propositadamente fragmentária, o conjunto de sua armação escritural não ordena fonte/autor/personagem/contexto e linguagem. *Ubu Roi* é uma obra cuja força e impacto, de caráter niilista e, portanto, transformador, acaba por arregimentar a um só tempo: admiração, temor, confusão e magnitude. Desse modo, entre o protótipo da personagem-título e a própria obra resulta uma mescla de signos auto-reversíveis; o distanciamento entre autor/obra/vida/personagem é declaradamente o menor possível, conforme as conversões do estatuto surrealista que nutria toda essa “espontânea organização”, que acabou por gerar tanto o conjunto da obra de Jarry quanto as peças do ciclo *Ubu* e as produções diretamente a ele decorrentes. A fusão

obra/personagem se dá, ainda, pelo traço homônimo. *Ubu Roi* é o título da obra, e, – também – a história que abarca *Pére Ubu*, personagem principal e cuja ação revela o imperioso desejo pela regência de suas ações, de seu casamento, da polônia, do domínio do mundo etc, todos garantidos pela capacidade e força imaginária de sua “tocha verde!”, sublime expressão sustentada pela Patafísica (*ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções*), propositura do écran imaginativo do autor repassado à personagem. *Ubu* possui um caráter essencialmente intersemiótico de difícil definição, a noção de personagem-signo^[1] ajudará a enlaçar as dimensões de seu significante. Afora a doxa de usurpação temática do texto shakespeariano, *Ubu* pode inserir-se como uma alegoria ao poder, o homem-legume que reorganiza, a seu modo (a ética ubulesca), a estrutura política, numa ácida crítica aos neo-nacionalismos que pelORIZAM o capitalismo em disputas impudicas autorizadas em geral pela igreja e por um certo tipo de cultura social da subserviência do indivíduo e da sociedade liberal, entre inúmeras possibilidades de significação. Contudo, em seu aparato sígnico imediato, que passa pelo jogo da duplicidade e da luciferação das estruturas a ela subjacentes, até a canabalização da obra de oriência, e o interfluxo retroalimentado entre personagem e obra, unificados pela imagem do espiral em “substituição” (tradução) à linguagem literária; sugerem, como intenta este projeto, a verificação de como o percurso de tradução se replica de diferentes modos em linguagens e tematicamente. Assim, obra e personagem vinculam uma recíproca ação reflexiva nos moldes da tradução *criativa* e como *critica* propostas pela reflexão dos tradutores-transcriadores brasileiros Haroldo e Augusto de Campos. Obra e personagem se intercambiam no duplo movimento de tradução, provocando, de um lado, um canibalismo da obra e ação sígnica da personagem, e, de outro a transluciferação, por meio da inclusão constante de imagens e sons, que se distancia e revitaliza a obra/personagem para ambiências próprias. Interessa-nos, portanto, extrair, através da noção de tradução aludida acima, atrelada à personagem *Ubu*, a replicagem ou reprodutibilidade, para usar a nomenclatura bejaminiana, de sua presença no circuito pós-literário, vivendo como personagem-signo – também - na linguagem visual e na música. No fluxo desta intermedialidade a noção de hibridação das linguagens demonstrada por Santaella (2004) juntamente com a conceituação de personagem-signo e da CVR- Comunicação Visual Reprodutível como entende Canevacci (1990) vêm pôr luz ao fenômeno dessa pluriexistência sígnica do personagem *Perè Ubu*. Como hipótese básica, a pesquisa visa demonstrar como o percurso tradutório da personagem-signo *Ubu Roi* se alinha às premissas teóricas da tradução como crítica e como criação propostas pelos irmãos Campos. Quando aos aspectos teórico-metodológicos, a pesquisa buscará entrever-se primeira e principalmente na noção da construção teórico-analítica da **personagem-signo** como ressignificação da personagem na imagética inter-linguagens. O alinhamento teórico com a *cultura visual* ou da *imagem* é intrínseco à noção de personagem-signo, pois esta nutre para si a hiper-linguagem auto-referente e pulverizada que o objeto permite inferir enquanto reflexão teórica. De modo que, a personagem-signo que baliza a análise do objeto deste trabalho assenta-se em colaborativas conceituações: 1) do signo conforme Pierce (1977); 2) na idéia de médium como entende Jamenson (1996), para as mediações entre conteúdos artísticos e suportes tecnológicos; 3) nas noções de *aura* e

reproduzibilidade, em particular nas noções de *temporalidade* (teses sobre a história) propostas por Benjamin (1985) 4) no inter-relacionamento dinâmico da antropologia visual e a conceituação do CVR – *Comunicação Visual Reprodutível*, que opera-se por imagens dialéticas entre as formas sociais e as formas estéticas, proposta por Canevacci (1990), e ainda, 5) na ideia de tradução *criativa e crítica* dos irmãos Campos: Haroldo (1992) e Augusto (1988) e Plaza (2003), que a estabelece como ato criativo sincrônico e instaurador de formas novas para o objeto estético relacionado.. Como também 6) nos estudos críticos sobre a intermedialidade e a teoria ou semiótica da imagem como entende Santaella (2008) ao discutir as relações intertextuais implícitas nas noções de tradução, adaptação e transcrição, voltadas especificamente para as várias artes e mídias (hibridação das linguagens). No bojo dos aspectos teóricos, esta proposta lançará mão ainda de duas ancoragens teórico-analíticas: a primeira assentada na conceituação da *violência como linguagem*, operada a partir da leitura cultural de Artaud (1993) e (1979) como eixo de uma estética da violência (Teatro da Crueldade e Cartas de Hodez) e, a segunda, na atualização do tema do rei deposto na literatura, ou seja, do ataque à conquista do poder, dada inicialmente pela ação tradutora. O corolário metodológico dessa proposta de tese se expande decorrente e intrínseco ao percurso acima citado, fincado no conceito de *tradução* como negação da tradição, como borda a ser seguida na verificação da transgressão da linguagem tradicional (literatura) para a sua replicagem na interculturalidade. Para tanto, utilizar-se-á dos postulados da tradução como *criação* e como *crítica* teorizada e desenvolvida pelos irmãos Campos. Alocada nos ditames da subversão e da sátira à tradição literária e teatral, a “obra prima” de Jarry acolhe para sua análise, tanto o caráter de *transluciferação mefistofáustica* de Haroldo de Campos quanto da tradução como *devoração*, isto é, *antropofágica* de Augusto de Campos. Vale lembrar que *Ubu Roi* ativa-se como sátira dupla: recontextualiza utopicamente os entrepostos de situações de seu autor, ou seja, pelo caráter polifônico e carnavalesco da escrita e, reescrituração (pelo imaginário) da obra shakespeariana (Macbeth), isto é, pela tradução. Em ambos os planos, a obra declaradamente expõe como marca de seu conteúdo, o fio dessa condução criativa e tradutora. O caráter semiotécnico desta pesquisa exige, ainda, o vislumbrar da ampliação do literário para os vetores da arte e da mídia. A reverberação da imagem ubulesca, através da ação da personagem-signo *Père Ubu*, é de certo modo uma ampliação de sua *mediasfera* imediata da dramaturgia para a encenação; da literatura para artes visuais, a arte pop, musicalização etc. Consoante Debray (1995, p.40), a mediasfera[2] formaliza-se pela transmissão e transporte das mensagens que se ampliam com o progresso cultural da humanidade. Entretanto, no alastramento dos vetores de linguagem e significação da obra/personagem, o intercruzamento das transmissões e mensagens não se limitam aos dados *midiáticos*, uma vez que na esteira da personagem-signo a *mediosfera* se compõe por camadas sígnicas de diferentes formatos que se vasculham mutuamente. *Ubu* (personagem e obra) produz uma mediasfera que se alastra por outras mídias, partindo da literatura, avança para outros dispositivos, visando massificar a mesma mensagem que lhe programa, que vai do niilismo anárquico às estruturas de poder tradicionais (político, social e intrafamiliar); fundando neste entreposto o modelo família e cidadania pós-moderna: viajores dos destroços, ou como propõe Bauman(2000): *turistas* e

mendigos. Realizando, através da sua inscrição em outras linguagens a saturação de si próprio enquanto linguagem implosiva e explosiva ou mefistofáustica. Dada esta refração sígnica, torna-se imperial o entendimento da mecânica da hibridação das linguagens estudada por Santaella (2004) a qual dá suporte teórico a noção de personagem-signo, já exposta acima como ato teórico-metodológico basilar desta pesquisa. No tocante à noção de hibridização das linguagens, vale ressaltar que os cruzamentos mais basilares entre as matrizes (sonora, visual e a discursiva ou verbal) são tradutoriamente “desorganizados” na obra/por Ubu, ou seja, as matrizes de oriência são reestruturadas pela ação tradutória e postas em uma órbita própria de vida sem deixar, no entanto, de excursionar, respirar nas matrizes anteriores. O interesse na descrição desses cruzamentos é de imediato solicitar a compreensão de que as *cenas enunciativas* (ver em seguida) a serem analisadas como objeto de aplicação da personagem-signo, pedem a compreensão dessa mecânica da hibridação, para descrever o percurso sígnico da personagem, tanto entre as obras literárias quanto nas replicações imagéticas posteriores; pois, como nos mostra Satanela (2004) a lógica verbal pode se realizar em signos visuais ou sonoros. “*Da mesma forma que a lógica visual pode se manifestar em signos verbais ou sonoros, tanto quanto a sonoridade pode adquirir formas que as aproximam dos signos plásticos ou da discursividade própria do verbal*”(2004, p. 373). A metodologia de fato, para a proposta ora apresentada, apóia-se nas seguintes frentes de ações 1) na realização de pesquisas teóricas-críticas sobre os processos de tradução, intersemiose, intermedialidade e hibridação das linguagens; amplamente disponíveis em publicações; 2) na requisição da noção de personagem-signo como verificação e sustentação teórica de trabalho e, 3) nos procedimentos de análises em objetos (obras-fontes e repertório imagético da personagem Ubu). Vale informar que essas três instâncias metodológicas nucleiam-se reciprocamente, na medida em que buscam atualizar a noção de personagem-signo em prol dos objetivos e consecução da pesquisa. Quanto aos procedimentos de análises, proceder-se-á a partir das aparições sígnicas de *Ubu*, primeiro como tradução do texto/personagem de Shakespeare, em seguida, como replicagem sígnica na linguagem visual e na música. A dimensão formativa dessas análises será regulada a partir dos construtos sígnicos de um confronto dialético entre as matizes que apresentam a personagem nos diversos circuitos de códigos através de ***Cenas Enunciativas***. A noção de cenas enunciativas foi extraída da Análise do Discurso da Comunicação proposta por Maingueneau (2005). O teor comparativo explícito na tradutibilidade marca a intenção analítica das cenas enunciativas a serem enfocadas, independente da linguagem ou código da mensagem, isto é, da personagem enfocada nas diversas linguagens. No interior das cenas enunciativas se buscará, num primeiro momento, identificar marcas idiossincráticas que possam unir sígnicamente, pela personagem-signo, a vastidão de significantes contidas nas modulações ou aparições sígnicas de *Père Ubu*. Dito isto, consideramos que o estabelecimento teórico-analítico da personagem-signo, pressuposto geral deste trabalho, objetiva produzir um construto metodológico próprio na perspectiva da tradução intersemiótica para a leitura comparativa de personagens viventes entre sistemas autônomos e distintos da criação estética, especificamente entre a literatura e a linguagem visual e musical.

A TRANSCULTURAÇÃO IDENTITÁRIO-RELIGIOSA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA AFRICANA E AFROBRASILEIRA

Patrícia Gomes Germano (PPGLI - UEPB)
(Orientadora: Rosilda Alves Bezerra)

Objeto artístico produzido por seres humanos que vivem, constroem e reconstroem complexas relações sociais, a literatura não deixa de ser um *lôcus* polifônico (Bakhtin, 2003), onde várias vozes podem ser (re) articuladas e onde refrações daquilo que é vivido e construído são recuperadas a partir de configurações subjetivas e por jogos metafórico-artístico-criativos, que muito dizem sobre os homens, suas experiências, encontros e desencontros. Em outras palavras, “o efeito ético da literatura reside na sua capacidade de provocar ideias de outras identidades, [outros] mundos e uma variedade de [outros] cenários possíveis; ideias estas que abrem o processo do pensamento racional aos seus horizontes emocionais, constituindo encruzilhadas imaginativas onde é possível avaliar as nossas escolhas” (WALTER, 2007, p. 68). Pela literatura, por exemplo, é possível pensar nas questões dos contatos culturais, nas imprevisibilidades oriundas desses encontros e compreender, finalmente, a falência das estruturas binário-maniqueístas, tantas vezes divulgadas pelo pensamento hegemônico-eurocêntrico, comumente imbuído da tarefa de silenciar vozes e homogeneizar práticas segundo um único paradigma. Se observarmos a literatura brasileira e as literaturas produzidas nos países africanos, cuja interconexão se dá, além de vários eixos, pelo estigma e condição de pós-coloniais, constatam-se, sobretudo nas produções mais recentes, formas de identificações transculturais (ORTIZ, 1999), fraturadas, em eterno processo de construção, tanto na forma e/ou no conteúdo. Ou seja, as composições literárias ambientadas e produzidas por autores que viveram as disjunções e conjunções agenciadas (BHABHA, 1998) pelos contatos e interpenetrações culturais, de certa forma, tendem a problematizar as vivências de sujeitos e práticas expostos a descontinuidades e a fluxos diaspóricos (HALL, 2003). Assim, nossa tese pretende responder a dois questionamentos iniciais: como obras da literatura brasileira e da literatura africana, escritas na contemporaneidade, problematizam a afirmação da identidade em face das diferenças culturais? Como as cosmogonias religiosas africanas, partes fundamentais dos códigos culturais de povos transplantados, em diáspora ou pós-coloniais (HALL, 2003) são abordadas pela narrativa ficcional em romances contemporâneos brasileiros e africanos, à luz da transculturação ortiziana e da transculturação narrativa (RAMA, 1982)? Com base nessas duas questões, refletiremos sobre identidades em devir, que se esforçam por traduzirem as alteridades subalternizadas (MIGNOLO, 2003) e que encontram, nas fissuras do discurso literário, um espaço para que códigos culturais postos sob mordaca, se façam ouvir (BHABHA, 1998 e CANCLINI, 2006). Como objeto de pesquisa, nossa tese elege três textos narrativos produzidos na primeira década do século XXI interligados por vários pontos: a abordagem religiosa; a vivência excludente de personagens cujos destinos são alterados graças ao preconceito, ao fundamentalismo e à incompreensão dos membros dos clãs religiosos; à errância identitária caracterizada por processos conjuntivos e disjuntivos, desterritorialização e reterritorialização; à escrita de autoria

feminina atrelada a experiências de inserção das autoras em atividades ligadas à religiosidade que, mais tarde, seriam temáticas das obras em análise. Os três romances: **O Sétimo Juramento** – escrito pela moçambicana Paulina Chiziane, em 2000; **Contornos do Dia que Vem Vindo** – da escritora camaronesa radicada na França, Léonora Miano, publicado em 2006; **Ao Sabor de Oiá**, da autora brasileira, Cléo Martins, publicado em 2003, sinalizam para as fraturas sofridas por personagens alvos da opressão neocolonial, racista e sexista, problematizam, traduzem e metaforizam o pertencimento identitário em contextos religiosos rizomáticos. Para trazer um caráter reflexivo à questão da identidade e da religiosidade de matriz africana, nossa análise encontra pertinência, pois insere a obra literária como veículo da visão de mundo do autor, fato que leva o projeto estético de cada obra a introjetar um projeto ideológico de um dado contexto social (KHÉDE, 1990). Por esse viés, nosso projeto torna-se um espaço para compreensão do texto literário como construtor de uma sociedade alternativa, através de um discurso polivocal e contrapontístico, no qual a alteridade está sempre inserida e as instâncias histórico-sociopolíticas encontram-se em constante trânsito de desmantelamento, de reformação, de polêmica e de interpelação (JOACHIM, 2007). Assim, pretendemos dialogar com a linha de pesquisa: **Literatura e Hermenêutica**, já que esta se propõe a pensar as complexas relações entre o texto literário e outros saberes, nesse caso específico, as identificações fractais e descentradas dos sujeitos hodiernos, comuns numa “nova ordem mundial de mobilidade, de histórias sem raízes” (CLIFORD, 1991, p.1 apud WALTER, 2005, P. 151), bem como no dinamismo identitário de movências e fluxos transculturais. Nessa perspectiva, as observações angariadas na pesquisa mostram-se relevantes por ampliarem o conceito de transculturação narrativa não só aos romances latino-americanos, mas também a outros constructos literários, sobretudo àqueles confeccionados por sujeitos partícipes de vivências fronteiriças e que experimentaram a “zona de contato” (PRATT, 1999) como ponte que reúne enquanto atravessa (HEIDEGGER, 2007). Temos assim, o objetivo de observar as negociações identitárias agenciadas pelos personagens de romances africanos e brasileiros contemporâneos, a fim de constatar o caráter de movência e instabilidade presentes nessas identificações; ampliar a noção de transculturação narrativa (RAMA, 1982) a textos que extrapolem o limite da geografia latino-americana; mapear as representações das religiosidades construídas pela prosa ficcional africana e brasileira a partir de um *corpus* narrativo que contempla romances contemporâneos. Partimos, pois, da hipótese de que as narrativas ficcionais em análise representam a religiosidade a partir de um posicionamento “transcultural” além de observamos que, resguardadas as peculiaridades de cada obra, parece apresentar-se como constante, uma problemática identitária na construção das personagens envolvidas com códigos religiosos de matriz africana, tanto em textos produzidos no Brasil como aqueles que são ambientados e concebidos em território africano. Para fundamentar essas discussões, que têm como premissa as movências identitárias realizadas por personagens imersos em contextos de disjunções psicológicas, territoriais e, sobretudo, cultural-religiosas, os estudos sobre identidade/identificação e diáspora, bem como a teoria da transculturação (ORTIZ, 1999) e da transculturação narrativa (RAMA, 1982) serão o aporte teórico imediato.

Palavras-chave: Transculturização, Diáspora, Transculturização Narrativa, Identidade, Religiosidade.

**OBSERVAÇÕES SOBRE O ÉPICO NA DRAMATURGIA/TEATRO DA
COMPANHIA DO LATÃO: BALIZAS TEÓRICAS, ENGAJAMENTO E
ATUAÇÃO CRÍTICA NO BRASIL (DÉCADAS DE 1990-2000).**

Rodrigo Rodrigues Malheiros (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Diógenes André Vieira Maciel)

A Companhia do Latão é um grupo teatral de São Paulo que visa, em sua atuação estética, a uma reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais e suas contradições no contexto brasileiro, mediante uma intersecção com uma perspectiva política e histórica. No repertório de suas atividades estão as apresentações de peças, atividades pedagógicas, discussões sobre dramaturgia e teatro para produção dos textos e montagens dos espetáculos, a edição da revista *Vintém* e uma série de experimentos artísticos, fruto das discussões sobre teatro, quase em sua totalidade, oriundas do teatro épico de Bertolt Brecht. A origem do grupo está pautada na montagem de *Ensaio para Danton* (1996), livre adaptação do texto *A morte de Danton*, de Georg Büchner, com a participação de Sérgio de Carvalho como diretor. A partir daí forma-se um grupo de pesquisa teatral, que passa a ter Márcio Marciano como co-diretor, o qual intensifica os estudos sobre a obra teórica de Brecht visando um teatro épico-dialético no Brasil. Desde os primeiros trabalhos, a Companhia do Latão trabalha perspectivas teatrais inseridas em um processo, e não como modelo acabado. Essa recusa fomenta experimentos dramáticos e cênicos que particularizam a companhia. Trabalhando uma dramaturgia própria, partindo de um trabalho coletivo, de discussões sobre procedimentos estético-formais encontrados no teatro épico, abrindo espaço para improvisações, aliando a um minucioso estudo sobre a música épica no teatro, a companhia estreia, em 1998, *O nome do sujeito*. Essa peça, que tem como ambiente Recife da segunda metade do século XIX, utiliza elementos históricos como a modernização do Estado a partir do projeto neoliberal empreendido pelo governo brasileiro no final da década de oitenta. Em 2000, a Companhia do Latão apresenta *A comédia do trabalho*, oriunda de discussões e ensaios abertos, num trabalho ainda mais coletivo. A peça, como atesta Maria Sílvia Betti (2010, p.177), “examina a materialidade da luta de classes no contexto contemporâneo de desmonte do mundo do trabalho”. Em 2002, retornando ao Teatro Cacilda Becker, a companhia produz o *Auto dos bons tratos*, pautada num episódio histórico do século XVI, referente ao processo inquisitorial do capitão Pero do Campo Tourinho. Segundo nota da própria Companhia do Latão, “a reflexão sobre formas de desmontagem ideológica, capazes de perturbar a confiança na narrativa cênica, marca a dramaturgia do período [...] em torno dos processos de manipulação e alienação da indústria cultural” (CARVALHO; MARCIANO, 2008, p.408) constrói a forma teatral de *Mercado do Gozo*, que tem como

finalidade discutir a violência urbana em sua origem e a exploração da prostituição, em São Paulo de 1917. Ainda em 2004, a companhia estreia *Visões Siamesas*, que, baseado no conto de Machado de Assis *As academias de Sião*, examina as dinâmicas sociais por um viés psicológico, elaborando uma síntese da história da classe trabalhadora brasileira. Mediante esse pequeno esboço histórico sobre a companhia e sua produção, filiada a uma proposta teórica pautada principalmente nos estudos brechtianos sobre o teatro épico, a proposta de estudo para tese fundamenta-se em examinar os procedimentos estético-formais do teatro épico na relação texto/encenação das peças da Companhia do Latão. Para tanto, será selecionado um conjunto de sete peças, presentes na obra **Companhia do Latão: 7 peças**, organizada por Sérgio de Carvalho e Márcio Marciano, na qual agrupam-se em três eixos temáticos. O primeiro, intitulado “Imagens do Brasil”, compõe-se de três peças: *O nome do sujeito*; *A comédia do trabalho* e *o Auto dos bons tratos*. No segundo eixo temático, “Cenas da Mercantilização”, estão presentes as peças *O mercado do gozo* e *Visões siamesas*. Já o terceiro eixo destina-se as “Releituras” das peças *Ensaio para Danton* e *Equívocos colecionados*. Todavia, para examinar tais procedimentos estético-formais, presentes no teatro épico, é preciso trilhar o caminho de formação desse teatro, visto que se apresenta como um processo estético e histórico. Anatol Rosenfeld (2008), em sua obra **O teatro épico**, elabora um estudo sobre os gêneros literários e seus traços estilísticos fundamentais. Num segundo momento, o teórico examina as tendências épicas no teatro europeu do passado, elaborando um estudo sobre o Teatro Grego, o Teatro Medieval, Pós-Medieval, Shakespeare e o Romantismo. Em terceiro lugar, este autor estuda a assimilação da temática narrativa e a cena e dramaturgia épicas (como se vê no teatro asiático e na intervenção do diretor teatral), para estabelecer a relação entre as formas épicas presentes no teatro ocidental e, principalmente, na fundamentação de um teatro épico, como o formula Brecht. Iná Camargo Costa (1996), em **A hora do teatro épico no Brasil**, estuda o teatro épico e sua recepção/difusão, produção/consumo no teatro moderno brasileiro, num exame que começa em 1958, com a obra de Gianfrancesco Guarnieri, **Eles não usam Black-tie**, chegando até 1968, com a estreia de **Roda Viva**, encenada por Zé Celso a partir do texto de Chico Buarque, numa visada que toma as propostas de teatro épico numa oscilação entre força produtiva, enquanto elemento estético-político, até que suas técnicas são incorporadas a uma noção de consumo e convenção. Este foi um primeiro trabalho, de cunho acadêmico, que se propôs a sistematizar a produção de um teatro e dramaturgia épicos no Brasil, em suas relações com a recepção do pensamento estético e da própria dramaturgia de Bertolt Brecht, discutindo, inclusive, a relação da crítica com tal produção, num primeiro momento, incompreendida, mediante uma posição ainda bastante tradicional dos críticos em relação às formas dramáticas. Entendendo ser preciso seguir adiante nos estudos referentes ao teatro épico no Brasil, num momento historicamente posterior a esta primeira recepção e, notadamente, devedor das posições de Costa, como também da publicação de toda uma nova bibliografia em língua portuguesa – como os escritos de Peter Szondi, Hans-Thies Lehmann e Jean-Pierre Sarrazac, que movimentaram uma segunda recepção às formas não-aristotélicas, mediante tais paradigmas teóricos e críticos –, como também, observando-se toda a efervescência no âmbito da produção teatral e

dramatúrgica, rumo às formas épicas, a proposta que se apresenta neste projeto se propõe a estudar os procedimentos estético-formais do teatro épico a partir da análise/interpretação das peças da Companhia do Latão já mencionadas, visto que a produção contemporânea possui características específicas, no que concerne à relação entre o texto dramático e a encenação, e atuam criticamente em uma sociedade crivada de contradições, próprias da virada do século XX e início do século XXI. Sobre a linha de pesquisa referente ao projeto, a saber, Literatura Comparada e Intermidialidade, Raymond Willians (2010), em **Drama em cena**, examina a relação entre texto e encenação e aponta particularidades quanto ao ato de escrever uma peça e o ato de representá-la. De fato, a encenação classifica-se em variados aspectos como uma “mídia” distinta do texto literário, no entanto, não raras vezes, essas formas artísticas se aproximam em um jogo dialético significativo. Willians destaca quatro elementos fundamentais para o teatro: fala, que consiste no canto, recito, conversação, diálogo; movimento, o que diz respeito à performance física do ator de uma maneira geral; espaço cênico, como efeitos de luz, figurino e cenário; e som, que seria o uso de música e efeitos sonoros em alguns casos. Ainda sobre os elementos destacados por Willians, ele afirma, na sequência, que, embora todos os elementos citados ofereçam uma característica para a encenação que a difere da dramaturgia (o texto dramático), a variação desses elementos acontecem na relação destes com a obra literária, o texto. Essa perspectiva se difere um pouco da maneira que Patrice Pavis (2002), em **O teatro no cruzamento de culturas** examina as obras teatrais na contemporaneidade. O autor estabelece formas diversas de teatro: o teatro de texto, que consiste na encenação do texto dramático; o teatro cenográfico, em que o visual e o gestual tornam-se mais importantes que o texto, que serve só de apoio; e o teatro intercultural, formado a partir do diálogo entre culturas. A última concepção trabalha a partir da relação entre um *texto-fonte* e um *texto-alvo*, este construído não por uma relação intertextual, que para o teórico é uma relação saturada, mas intercultural. Na esteira dessa discussão, a Companhia do Latão produz duas peças, as quais comporão o corpus de nossa análise/interpretação: *Ensaio para Danton* e *Equívocos colecionados*, são, respectivamente, releituras de *A Morte de Danton*, de Georg Büchner e *As academias de São*, conto de Machado de Assis. Ao tecer essas considerações, é preciso frisar que todas as relações concernentes à dialética texto/encenação, presentes na produção das peças em questão, estão diretamente ligadas a uma série de experimentos artísticos, fruto das discussões sobre o teatro épico de Bertolt Brecht. Em suma, o objetivo dessa pesquisa, que ainda se encontra em seu estágio inicial, é analisar a maneira como a dramaturgia/teatro da Companhia do Latão filia-se a uma tradição do teatro épico brasileiro, ao mesmo tempo em que aponta para re-significações no que diz respeito à utilização das formas épicas; examinar como são desenvolvidos alguns aspectos do teatro épico de Brecht, no que concerne à relativização da ação dramática; a interrupção da ação; o distanciamento da ação; a ação enquanto instigadora de tomadas de decisões; a continuação da ação (por não terminar com o fim da peça) na construção cênica das peças em análise; discutir a relação texto/encenação e os processos históricos, culturais e sociais no Brasil contemporâneo, numa perspectiva crítica, a partir da análise/interpretação das peças *O nome do sujeito* (1998); *A comédia do trabalho* (2000) e *Auto dos bons*

tratos (2002), O mercado do gozo (2002) e Visões siamesas (2004); examinar, a partir da análise e interpretação das peças *Ensaio para Danton (1996)* e *Equívocos colecionados (2004)*, como se dá o processo de releitura das obras *A Morte de Danton*, de Georg Büchner e *As academias de Sião*, de Machado de Assis, numa perspectiva intercultural; coletar, cotejar, sistematizar e refletir sobre os discursos da crítica acerca dessa produção épica no teatro brasileiro, mediante pesquisa em arquivos de jornais e periódicos especializados.

AMORES EXTREMOS: O DIZER E O DITO EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS DE AUTORIA FEMININA

Rosângela de Melo Rodrigues (PPGLI/UEPB)
(Orientador: Antonio de Pádua Dias da Silva)

A pesquisa *Amores Extremos: o dizer e o dito em narrativas contemporâneas de autoria feminina* tem como *corpus* a coleção *Amores Extremos*, editada pela Record nos primeiros anos do século em curso. A referida coleção materializa uma proposta editorial pautada na reunião de expressivas escritoras brasileiras contemporâneas objetivando trazer para o tecido literário tramas que apresentam o amor problematizado sob diversas perspectivas. O objetivo maior desta pesquisa é verificar estratégias pertinentes à narrativa pós-moderna empregadas no plano da enunciação (o dizer) e dos conteúdos manifestos (o dito) que se constituem como uma marca de escritos ficcionais produzidos por mulheres nos últimos anos. Também observamos quais técnicas discursivas e narrativas aproximam ou afastam as obras em foco dos folhetins do século XIX, e como se processa o hibridismo textual em narrativas que se apóiam nos formatos de diário, de memorial, de novela, de ensaio, da metaliteratura, do romance romântico, detetivesco e do introspectivo. As autoras são jornalistas, professoras universitárias, psicanalistas e profissionais liberais que se dedicam à literatura há décadas, algumas com publicações premiadas e bastante conhecidas do público leitor. Integram a coleção os exemplares *Recados da Lua: amor e romantismo*, de Helena Jobim (2001); *Para Sempre: amor e tempo*, de Ana Maria Machado (2001); *Através do Vidro: amor e desejo*, de Heloísa Seixas (2001); *Solo Feminino: amor e desacerto*, de Lívia Garcia-Roza (2002); *Obsceno Abandono: amor e perda*, de Marilene Felinto (2002); *O Pintor que Escrevia: amor e pecado*, de Leticia Wierzchowski (2003), e *Estrela Nua: amor e sedução*, de Maria Adelaide Amaral (2003). Os livros se apresentam como um projeto coletivo que busca apreender as várias faces do amor. Romantismo, tempo, desejo, desacerto, perda, pecado e sedução são os temas transversais que singularizam cada romance dentro da temática maior norteadora desse conjunto de narrativas ficcionais. As autoras compartilham posições sociais e visões de mundo bastante parecidas: estão na faixa etária próxima aos 50 anos, são brancas (à exceção de uma delas), vivenciaram os anos de ditadura militar e de contracultura na juventude, são formadas e economicamente emancipadas, quase todas são descasadas, moram em grandes centros populacionais, transitam nos círculos literários com muita

respeitabilidade do público especializado e, inferimos, leram os mesmos livros em períodos de letramento literário e formação artística na juventude: romances românticos e realistas da literatura brasileira e estrangeira, folhetins, poesias modernas e anteriores às do Modernismo, literatura essa quase toda produzidas por homens, e também compartilham do mesmo acervo cultural no campo do teatro, das novelas, do cinema, das artes plásticas e da MPB. Não por acaso as personagens protagonistas dos sete livros em comento reproduzem esse universo comum partilhado pelas autoras, como se fossem projeções dessa parcela de mulheres que hoje produzem e consomem literatura de autoria feminina no Brasil. Esse conjunto de obras resgata como essa classe de mulheres pensa o seu país e a si própria, através de uma memória coletiva intercambiada agora através da escrita, que se apresenta talvez como o mais importante instrumento de libertação de mulheres que escrevem sobre a condição feminina na atualidade. Em consonância com a linha de pesquisa escolhida, discutiremos em nossa tese as formações identitárias das mulheres brasileiras (autoras de ficção e personagens ficcionais) no contexto dos primeiros anos do século XXI; a construção de memórias coletivas dessas mulheres agora via domínio da escrita; as relações de poder que circulam do contexto para o texto via pluralidade de vozes discursivas; as posições de centramento e descentramento das mulheres no que se convencionou nomear de escrita feminina. Delimitamos dois eixos de investigação para as obras elencadas. No eixo do dito trataremos dos conteúdos manifestos e latentes tematizados nos enredos, tais como a constituição das mulheres em situação de submissão e liberdade; em crise existencial ou em estado de realização plena nas esferas psicológicas, sociais e sexuais; em pleno domínio do curso da existência ou aprisionadas a traumas e lembranças do passado. Já no enfoque do *dizer*, abordaremos como os conteúdos norteadores do primeiro eixo se materializam enquanto realizações discursivas, ou seja, como se caracteriza literariamente a escrita, o que faz um texto passar da tênue linha que demarca um discurso produzido por mulher de um discurso essencialmente feminino. No confronto das sete obras do *corpus*, percebemos pontos de convergências que podem servir de norte para o estabelecimento do que vem a ser o modo feminino de narrar. Predomina a narrativa indireta, pois em apenas um dos livros a protagonista assume a função de narradora; há uma dissolução quase completa da configuração geográfica das ações: apesar de trazerem personagens situadas no eixo sul-sudeste do Brasil, as tramas poderiam ser encenadas em qualquer lugar do mundo, já que o foco de abordagem se desloca em todas as novelas para o plano das ações internas; há um forte apelo memorialista nas tramas nos momentos de solidão ou perda: as mulheres promovem uma revisão do passado como fundamento para o entendimento do presente e construção do futuro, e principalmente narram o que é memória essencialmente feminina, como a maternidade e as relações matriarcais de poder; a metaliteratura assume papel primordial na coleção: três protagonistas são escritoras de textos literários e uma quarta é tema central de um livro escrito por um escritor; a fatura dos textos se aproxima muito da escrita de diários e do gênero folhetim reatualizados na literatura pós-moderna; na vida de cada protagonista há um evento de epifania causador de discursos catárticos e de ações que intentam libertar tais mulheres de uma situação de aprisionamento físico e mental diante da ausência outro: as mulheres perdem seus parceiros, vivem o luto e buscam de

modo agônico se libertarem como um ser autônomo e adulto, mas mesmo no pós-crise dependem das ações externas praticadas pelos parceiros para serem felizes; o corpo feminino enquanto objeto de prazer erótico e de singularização do ser imerso na coletividade, juntamente com a linguagem catártica e com o resgate memorialista, é instrumento de libertação da mulher.

RESUMOS DOS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS - DLA/UEPB

CONCEPÇÕES DE ESCRITA REVELADAS NO DISCURSO DE PROFESSORAS ATUANTES E EM FORMAÇÃO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Lizemanuelle da Cruz Silva (PIBIC)

Aline Mendes Silva(PIBIC)

Orientadora: Maria de Lourdes da Silva Leandro

A prática de escrever textos ao longo dos tempos tem sido associada ao desenvolvimento de habilidades de leitura e ao domínio de regras gramaticais. Essa concepção tem como base a ideia de que a língua é um sistema de signos fechado em si mesmo e o texto um encadeamento de frases em períodos bem construídos, orientado pela gramática. Considerando que a prática de escrita não se limita apenas ao domínio de regras, esse artigo objetiva discutir as concepções de escrita a partir do que dizem as narrativas de professoras atuantes no ensino fundamental e alunas do curso de Letras da UEPB modalidade à distância. Para tanto, utilizaremos dados de pesquisa coletados em escolas públicas e no referido curso. Especificamente, analisaremos, sob as contribuições da Análise do Discurso (francesa), duas entrevistas realizadas, sendo uma com uma professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, e outra, com uma aluna do primeiro período do curso de Letras, destacando a imagem que esses sujeitos fazem de sua prática de escrever textos e como isso pode revelar concepções legitimadas pela escola acerca do processo de produção de textos escritos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sujeito. Concepções de prática de escrita.

RETEXTUALIZAÇÃO EM GÊNEROS ACADÊMICOS: DO PROJETO À MONOGRAFIA

Clara Regina Rodrigues de Souza (CELIP)
Orientadora: Fernanda Isabela Oliveira Freitas

No decorrer da nossa pesquisa acerca dos processos de retextualização mobilizados em gêneros acadêmicos, desenvolvemos um trabalho de conclusão da especialização Princípios Organizacionais da Língua e Funcionamento Textual Discursivo III, da Universidade Estadual da Paraíba. Nele, repensamos a escrita da monografia enquanto um processo, com características textuais e discursivas decorrentes do projeto monográfico, mediante procedimentos de retextualização. Nossa motivação inicial advém do fato de que não são aplicadas as teorias de gêneros acadêmicos à prática de escrita de monografia e do projeto monográfico, bem como a sua escrita não é evidenciada a partir dos procedimentos da retextualização. Consequentemente, monografia e projeto monográfico são tidos como um produto; seja como uma exigência para obtenção de grau, seja pelo tratamento recebido nos livros de metodologia científica, como um texto estanque, resultante dos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Perante tais problemáticas, nossa investigação é norteada pelo seguinte questionamento: Quais práticas textuais e discursivas são mobilizadas na retextualização do gênero monografia decorrente do gênero projeto monográfico? De modo geral, objetivamos: analisar aspectos textuais e discursivos decorrentes da retextualização do gênero projeto monográfico para o gênero monografia. Especificamente, visamos: 1) descrever a monografia e o projeto monográfico a partir de uma perspectiva de gêneros acadêmicos e, 2) identificar a retextualização existente do gênero projeto monográfico para o gênero monografia científica. A partir dos objetivos pretendidos, a asserção que sustenta nosso trabalho é a de que o gênero monografia culmina a retextualização advinda do gênero projeto monográfico. Afiguram-se duas contribuições: o estudo da monografia e do projeto monográfico a partir do aporte dos gêneros acadêmicos, e, a consideração do imbricamento da retextualização desencadeada entre o projeto monográfico e a monografia. Fatores estes ainda não trabalhados na literatura, mas, já apontados por autores. Sendo assim, desenvolvemos uma análise qualitativa constituída por dois projetos monográficos e por suas respectivas monografias, oriundas do Curso de Licenciatura Plena em Letras. A análise demonstra a monografia enquanto um gênero retextualizado do projeto monográfico, seja por meio de procedimentos em nível textual, seja em discursivo de retextualização.

PALAVRAS-CHAVES: Monografia. Projeto Monográfico. Retextualização. Gêneros Acadêmicos.

UTOPIA E MALOGRO EXISTENCIAL NO SUSPIRO DAS PEDRAS NA POÉTICA DE IDELBERTO BARBOSA FILHO

Damares do Nascimento Fernandes(PIBIC)
Orientador: Eli Brandão da Silva

No discurso literário se entrecruzam vozes advindas das mais diferentes vias, que dialogam entre si transformando-o e/ou renovando-o. É o que Bakhtin postula por dialogismo, que caracteriza o interdiscurso. Nesse sentido busca-se, através de uma leitura analítica de poemas de Hidelberto Barbosa Filho, compreender o tema da utopia e do malogro existencial e identificar estratos textuais e discursivos que contenham tematização da utopia e do malogro existencial, discutindo identidades e diferenças presentes nas relações interdiscursivas estabelecidas, em diálogo com a teologia da tradição judaico-cristã e com a filosofia da existência. A análise proposta será feita a partir da busca de estratos textuais que tematizam o discurso referente à utopia e ao malogro existencial na leitura de alguns versos selecionados nos poemas: A comarca das Pedras e Ira de Viver, procurando interpretar sentidos plausíveis da temática proposta engendradas no seio da obra de Hidelberto. Para esse fim torna-se coerente o encadeamento de certas postulações teóricas (que enfatizam relações entre textos e discursos) como as de Bakhtin, Maingueneau, Genette; e os que tratam de temas mais filosóficos como o da utopia (e da esperança) e do malogro existencial em Ricoeur, Teixeira Coelho, Rubem Alves, Carlos Mesters. Visando estabelecer relações dessas teorias com a poética Hidelbertiana, claro que, deixando sempre a obra-objeto “falar mais alto”.

PALAVRAS-CHAVE: Utopia. Malogro. Interdiscurso.

ENTRE POEMAS E PROPAGANDAS: UMA PROPOSTA PARA DESENVOLVER O LETRAMENTO DIGITAL NA ESCOLA

Olivia Rodrigues Borborema (PROPESQ)
Orientadora: Prof^a Simone Dália de Gusmão Aranha

A era tecnológica vem lançando inquietações e desafia os professores contemporâneos a se adaptarem às novas práticas sociais de uso da linguagem. Essa dimensão social nos conduz à reflexão do papel do professor nesse novo cenário educativo, no que se refere ao redimensionamento de ações de produção e reprodução da leitura e da escrita. O presente estudo desenvolve uma proposta pedagógica que estabelece relações entre o letramento gráfico e o letramento digital, viabilizando a professores de língua portuguesa e de literatura a

oportunidade de ajustarem sua didática à realidade contemporânea, favorecendo um melhor desempenho em processos de ensino-aprendizagem com gêneros discursivos da esfera virtual. Temos por finalidade, mais particularmente, socializar uma experiência desenvolvida em um curso de extensão, direcionado a professores da rede de ensino público de Campina Grande, Paraíba-PB, dando continuidade às discussões que foram empreendidas através do projeto “Letramento digital: a formação de professores em práticas sociais de leitura e escrita na internet”, financiado pelo Programa de Incentivo a Pós Graduação e Pesquisa (Propesq) da Universidade Estadual da Paraíba. Nesse curso, possibilitamos aos participantes o contato com poemas e propagandas advindos da esfera digital, e estimulamos o trabalho pedagógico com esses gêneros, explorando o seu rico potencial de análise. O aporte teórico fundamentou-se em estudos do Letramento (Soares, 2000), dos gêneros discursivos (Bakhtin, 2000) e dos gêneros digitais (Marcuschi & Xavier, 2004), dentre outros que abordam e privilegiam questões relacionadas à temática.

Palavras- chave: Letramento Digital. Poesia Digital. Propaganda Digital.

IMPORTANTES CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA CIGANA PARA A LITERATURA BRASILEIRA

Maria Betânia Abreu (TCC)

Orientador: Marcos Gomes de Queiroz

A presente pesquisa visa reconhecer o importante legado da cultura cigana, e sua relação com o processo de construção da cultura nacional, uma vez que foi retratada por escritores reconhecidamente influentes, em obras de destaque, tais como: Grande Sertão Veredas, Memórias de um Sargento de Milícias e Caminhos de Quando e Além, dos autores João Guimarães Rosa, Manuel Antonio de Almeida e Helena Parente Cunha, respectivamente. O Projeto busca desmistificar o conceito negativo desenvolvido pela sociedade em geral, para com os povos de etnia cigana, muitas vezes intitulados de: desonestos, vagabundos ou mesmo promíscuos, tratando-os, assim, de forma preconceituosa e marginalizadora. A pesquisa tem como objetivo maior promover a inclusão dos indivíduos da supracitada cultura nos mais diferentes âmbitos da sociedade, no intuito de fazer valer os princípios manifestados na Declaração Universal dos Direitos Humanos formulado pelas Nações Unidas, onde se reconhece o direito a igualdade, segundo o artigo I de tal declaração. Considerando-se, também os conteúdos de caráter lingüístico-cultural transmitidos pelo atual objeto de estudo para o acervo histórico nacional, mencionando-se aqui alguns destes, tais como: música, dança, crenças, estilos e práticas sociais, tratando-se, desde já, o modo de vida nômade e informal do povo cigano, como característica própria de sua cultura, em vez de subentendê-lo como desvio de caráter ou personalidade. A pesquisa fundamenta-se basicamente em aportes teóricos, bem como em reportagens e documentários

realizados por emissoras locais, nacionais, e também estrangeiras, assim como pela coleta de dados proveniente de visitas às comunidades ciganas localizadas em cidades do interior do Estado.

PROPOSTAS DE PRODUÇÃO DO GÊNERO “CARTA” NO LIVRO DIDÁTICO: UM PROCESSO REFLEXIVO OU PRODUTO DO ACASO?

Maria Luiza Ferreira Silva (CELIP)

Orientadora: Teresa Neuma de Farias Campina

No que concerne aos estudos sobre língua e linguagem, vivemos um tempo privilegiado onde a contínua discussão sobre o assunto é terreno para uma vasta produção de trabalhos teóricos que visam submeter à língua a uma incessante revisão de seus mais diversos aspectos de aquisição, funcionalidade e uso através dos gêneros do discurso. E é em meio a essa efervescência produtiva que vemos aflorar as mais pertinentes reflexões sobre os modos de ensino/aprendizagem de escrita pela introdução dos gêneros na escola, bem como suas implicações para a melhoria (ou não) na qualidade de vida e possibilidade de ascensão social dos usuários da língua, em especial os que fazem uso do gênero carta, aqui objeto de nossa apreciação nas modalidades pessoal e de leitor. Com base no que já foi exposto, em nosso trabalho objetivamos averiguar se tais propostas de produção do gênero carta presentes no livro didático *Português: linguagens* (2009), de Cereja e Magalhães, referentes ao 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, coadunam com as perspectivas de instrução de escrita orientadas pelos PCN (2001), uma vez que esse documento toma como referência uma abordagem sociointeracionista de ensino da língua, bem como identificar as concepções de escrita e texto subjacente a tais propostas. Tomamos como corpus duas propostas de escrita do gênero carta que apresentam proposições respaldadas nas concepções de língua e linguagem de Geraldi (2006); nas concepções de escrita retratadas por Garcez (2004) e Sercundes (2000); e na teoria dos gêneros do discurso propostas por Bakhtin (2010) e ratificadas pela visão sociointeracionista de ensino de Bronckart (2008). A pesquisa já aponta para alguns resultados que, se não podem ser considerados totalmente positivos, ao menos demonstram que tal compêndio apresenta propostas de escritura que caminham para a adequação aos novos paradigmas de ensino de escrita, necessitando rever apenas algumas resoluções que destoam do projeto maior que é proporcionar ao aluno-escritor os mecanismos para o desenvolvimento de uma competência escritora que lhe forneça bases sólidas ao desempenho da escrita do gênero em estudos e demais existentes.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Gêneros do discurso. Carta

ADVÉRBIOS DE TEMPO E DE LUGAR NA PROPAGANDA VIRTUAL: POR UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

Maria Morganna da Silva Castro (CELIP)
Orientadora: Dalva Lobão Assis

Os gêneros discursivos surgem e desenvolvem-se emparelhados às atividades humanas. Na sociedade moderna, várias ações são mediadas pelo computador através do uso da internet. Nesse contexto, surgem vários gêneros virtuais, entre esses, a propaganda, que busca convencer o internauta a partilhar uma idéia ou adquirir um produto virtualmente. Para tanto, a propaganda utiliza vários recursos texto, imagens, sons e o hipertexto. No aspecto linguístico, percebemos a ocorrência de advérbios de tempo e de lugar. Assim, tendo em vista que a gramática tradicional apresenta conceitos restritos e que no contexto virtual os advérbios podem adquirir outras funções, além das prescritas pela tradição, este artigo tem o objetivo de identificar as funções que os advérbios de tempo e de lugar podem adquirir na propaganda virtual, tomando como viés uma perspectiva enunciativa. Assim, comprovamos a insuficiência da visão tradicional, pois os advérbios de tempo e de lugar que se tornam elementos de caráter dêitico e persuasivo e que a perspectiva enunciativa é mais adequada para análise desses advérbios, por nos fazer refletir sobre a o momento da enunciação. O desenvolvimento do artigo foi orientado por estudos sobre gêneros: Bakhtin (2000) e Marcuschi (2002 e 2005). No tocante à propaganda: Cobra (2009). Em relação ao hipertexto: Komesu (2005), Marcuschi (2005) e Xavier (2005). Sobre os advérbios: Nicola (1997), Bomfim (1988), Pontes (1992) entre outros. Sobre a Enunciação e as Categorias de Tempo e Espaço nos debruçamos nos estudos de Fiorin (2008).

PALAVRAS CHAVE: Propaganda virtual. Advérbios. Dêiticos. Enunciação.

A PRESENÇA DO MITO PERMEANDO A TEMÁTICA DA MORTE E DA UTOPIA NA POÉTICA DE ASSUNÇÃO

Micheline Barros Chaves (PIBIC)
Orientador: Eli Brandão

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação mítica e o lugar da morte e da utopia na poesia de José Antônio Assunção, buscando perceber possíveis arranjos intertextuais e interdiscursivos que venham enriquecer nosso estudo interpretativo. Em um primeiro momento, refletiremos sobre a necessidade do homem de materializar o seu pensamento, o seu sentimento e a conseqüência mais imediata disso, ou seja, o surgimento das práticas arcaicas de escrita e suas transformações ao longo da história, culminando com o que nós conhecemos hoje como “texto”; num segundo momento, analisaremos o

texto, aqui especificamente, o texto poético, como o lugar onde se cruzam as várias vozes, ou os vários discursos existentes na sociedade ressignificando-os através do olhar do poeta. Adentrando na pesquisa, propriamente dita, analisaremos algumas poesias contidas nos livros “O câncer no pêssego” e “A trapaça da rosa”. Para a nossa análise, nos valeremos do arcabouço teórico das teorias da Enunciação e da Transtextualidade.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, interdiscurso, mito, enunciação.

**“SE BEBER NÃO DIRIJA” OU “SE DIRIGIR NÃO BEBA”: UMA
ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO PRAGMÁTICO-DISCURSIVO DAS
ADVERBIAIS CONDICIONAIS E SUA APLICAÇÃO
AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dalva Lobão Assis (UEPB/DLA)

O estudo da sintaxe do período composto por Coordenação ou Subordinação sempre se limitou à metalinguagem de uma classificação enfadonha e inútil de uma lista infundável de tipos oracionais, que a gramática tradicional prescreveu e se perpetuou nos livros didáticos de língua portuguesa desde os níveis fundamentais e médio até o ensino superior, nos próprios cursos de Letras. Diante disso, dois são os desafios que o professor de língua portuguesa enfrenta: ou continua repetindo enfadonha e inutilmente o que faz a gramática Tradicional, ou tenta inovar tal ensino a partir de outras perspectivas que a lingüística moderna tem desenvolvido no sentido de fazer com que o estudo da Sintaxe seja mais prático e funcional, a exemplo do Funcionalismo Linguístico. É nesta perspectiva que o presente estudo objetiva analisar o funcionamento pragmático-discursivo das ditas orações subordinadas adverbiais condicionais, desenvolvidas pelo conector SE. Observamos que tais construções nem sempre expressam prototipicamente a idéia de “condição” e, mesmo quando assim a expressam, supomos a necessidade de refletir as especificidades pragmático-discursivas dessas “condições”. Acreditamos que, muito mais do que propriamente uma escolha semântica, o uso efetivo que se faz desse tipo de oração é iconicamente motivado, sendo portanto mais do que necessário, prático e sobretudo funcional, (re)pensar o seu funcionamento pragmático-discursivo. Para tanto, analisamos o slogan da atual campanha nacional da Lei Seca no Trânsito brasileiro, em cujo texto há a utilização de duas formas distintas de construções condicionais, que nos chama atenção para análise, principalmente se pensarmos que o ensino de língua portuguesa deve partir sobretudo de dados epilinguísticos efetivos de uso da linguagem. Nosso estudo baseou-se no Funcionalismo Linguístico, representado aqui por autores como Neves (2006), Camilo Rosa (2010), Gonçalves et al. (2006), Christiano (2007), os quais, além de serem pesquisadores que investigam fenômenos lingüísticos à luz dessa vertente teórica, preocupam-se também com a aplicabilidade dessas investigações ao ensino de língua portuguesa.